

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE**  
Escola Superior de Teologia  
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião

José Carlos da Silva Lima

**Violência e Religião:  
Uma abordagem sobre o trabalho de recuperação e reabilitação de  
viciados em Clínicas Evangélicas de São Paulo**

São Paulo  
2011

José Carlos da Silva Lima

**Violência e Religião:  
Uma abordagem sobre o trabalho de recuperação e reabilitação de  
viciados em Clínicas Evangélicas de São Paulo**

Qualificação apresentada para o curso de Mestrado em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Religião.

Orientador Prof. Dr. Ricardo Bitun

São Paulo  
2011

L732v Lima, José Carlos da Silva

Violência e religião: uma abordagem sobre o trabalho de recuperação e reabilitação de viciados em clínicas evangélicas de São Paulo / José Carlos da Silva – 2012.

107 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Bitun Bibliografia: f. 101-107

1. Violência urbana 2. Religião 3. Drogas 4. Dependência química  
I. Título

**LC BT736.2**  
**CDD 291.34**

José Carlos da Silva Lima

**Violência e Religião:  
Uma abordagem sobre o trabalho de recuperação e reabilitação de  
viciados em Clínicas Evangélicas de São Paulo**

Qualificação apresentada para o curso de Mestrado em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Religião.

Aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Ricardo Bitun  
Universidade Presbiteriana Mackenzie

---

Prof. Dr. Rodrigo Franklin de Souza  
Universidade Presbiteriana Mackenzie

---

Prof. Dr. Edin Sued Abumanssur  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

À minha amada e querida esposa,  
preciosa, sempre presente em  
incentivo e apoio, e nas incontáveis horas  
de trabalho, sempre paciente e carinhosa.

#### **AGRADECIMENTOS**

Ao Deus Todo poderoso, criador de todas as coisas, pela capacitação, força e pela sabedoria que nos concedeu, sempre presente no percurso desta caminhada.

Ao Dr. Ricardo Bitun, por ter sido orientador, o qual contribuiu para a realização desta modesta pesquisa, e na sua sempre paciência nos conduziu refletindo sua competência e amabilidade.

Aos meus pais, que por muito tempo cuidaram de nós e sempre nos incentivaram nesta caminhada acadêmica.

Aos diversos irmãos da igreja Comunidade pelo incentivo constante, que demonstraram compreensão nos diversos momentos de ausência para a pesquisa.

Ao Prof. que me introduziu no ambiente acadêmico e me despertou para o tema da pesquisa.

Aos professores e funcionários da graduação e pós-graduação Mackenzie pelo incentivo à realização desta pesquisa.

Ao Fundo Mackenzie de Pesquisa pelo apoio dispensado, sempre incentivando a prática da investigação, financiando pesquisas desenvolvidas nesta instituição.

“Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego; visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé”.  
(Romanos 1.16 e 17).

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo refletir sobre a violência urbana, que aterroriza e cresce em dimensões incontroláveis, invadindo todos os limites e espaços sociais. É uma realidade que permeia nossa sociedade atual. O foco específico é a violência causada pelas drogas. Como um problema real e assustador, o qual deve ser contemplado na necessidade de solução para o bem estar social. Como trata-se de indivíduos, foca-se a necessidade de retirada do convívio social por um tempo para que seja recuperado e novamente inserido neste mesmo convívio social. Como realidade contemporânea, que tem atingido as diversas camadas sociais e tem suas representações sociais nos diversos aspectos. Enfim, a violência é fenômeno complexo, cuja observação e impacto a fim de controlá-la, se tornam imprescindível para o bem-estar social, e uma das maneiras de controlá-las tem-se manifestado no campo da religião, especificamente nos Centros de Recuperação de drogados. Este é o alvo, a saber, como este órgão social, ligado à religião, atua no tratamento de dependente químicos.

**Palavras-chave:** Violência urbana. Religião. Drogas. Dependência química.

## **ABSTRACT**

This research aims to reflect on urban violence that terrorizes and uncontrollable increases in dimensions, invading all the limitations and social spaces. It is a reality that pervades our society today. The specific focus is violence caused by drugs. As a real and frightening problem, which should be considered in the solution to the need for social welfare. As it is individuals, focuses on the need to withdraw from society for a time to be recovered and again belongs to this social life. As a contemporary reality, which has reached the various social strata and has its offices in the various social aspects. Finally, violence is a complex phenomenon, whose observation and impact in order to contain it, become essential to the well-being, and one way to contain them has been manifested in the field of religion, specifically the Centers for recovering addicts. This is the target, namely, how this corporate body, connected to religion, acts in the treatment of addicts.

**Keywords:** Urban violence. Religion. Drugs. Chemical dependency.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	11
CAPÍTULO 1 – Violência e Droga: exclusão e inclusão .....	16
1.1. Violência: uma realidade contemporânea .....	16
1.2. Violência: suas representações sociais .....	21
1.2.1. Aspectos da violência: sócio-econômico .....	22
1.2.2. Aspectos da violência: cultural.....	23
1.2.3. Aspectos da violência: psicológico.....	24
1.3. Pesadelos de olhos abertos.....	26
1.3.1. Pesadelo: uma viagem enganosa.....	29
1.3.2. Drogas: uma escravidão constante.....	30
1.4. Uma sufocante realidade .....	32
1.4.1. O mundo próprio das drogas .....	35
1.4.2. O ethos das drogas.....	35
CAPÍTULO 2 – A intersecção entre violência e religião: centros de recuperação.....	37
2.1. Centro de recuperação Desafio Jovem: Juventude para Cristo .....	38
2.1.1. A História .....	38
2.1.2. O Tratamento.....	42
2.1.3. Os Testemunhos.....	46
2.1.4. Estrutura .....	49

2.2. Centro de recuperação CENA: Comunidade Evangélica Nova Aurora .....	50
2.2.1. O que é CENA .....	51
2.2.2 O que realmente importa: A vida .....	54
2.2.3 Uma grande esperança: Fazenda Nova Aurora .....	66
CAPÍTULO 3 – A religião e o processo de recuperação .....	73
3.1. Re(ligar) .....	73
3.2. Re(sociabilizar) .....	75
3.3. Re(conhecer) .....	77
3.3.1. Consciência .....	79
3.3.2. Disciplina .....	80
3.4. Re(familiarizar) .....	82
3.4.1. Família e violência .....	82
3.4.2. Famílias de dependentes químicos .....	84
3.4.3. Família: instituição primordial .....	86
3.4.4. Família: atitude correta .....	87
4. CAPÍTULO 4 – Uma análise da recuperação de dependentes químicos.....	90
4.1. Reação.....	91
4.2. Tratamento.....	92
4.3. Ambiente sagrado .....	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	97
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	100

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa trata de uma inquietação que há muito incomoda a sociedade, contemporânea, a violência, que continua a assustar, aterrorizar e aumentar com dimensões incontroláveis.

O ponto de partida do nosso trabalho é o de conceituarmos a violência, assim como, destacar alguns aspectos que permeiam nossa sociedade atual quanto às suas possíveis relações com a exclusão e a inclusão. Assim, no primeiro capítulo a violência é vista pela realidade da exclusão, mas uma exclusão que pode levar a uma inclusão efetiva, uma vez que nosso foco é a violência causada pelas drogas. Neste sentido, compreende-se a necessidade de retirar o indivíduo do convívio social por um período de tempo para que seja recuperado e novamente inserido neste mesmo convívio social

A violência é uma realidade contemporânea, que tem atingido as diversas camadas sociais. Faz-se necessário a definição do que é violência a fim de destacarmos algumas de suas manifestações. Neste sentido, violência tem suas representações sociais nos aspectos sócio-econômico, cultural e psicológico. A violência é fenômeno complexo, cuja observação e impacto a fim de contê-la, se tornam imprescindíveis para o bem-estar social.

No tópico, pesadelo de olhos abertos, se destaca o problema da dependência química, na qual o dependente de drogas é autor e vítima das consequências que ela acarreta, que transforma a ilusão literalmente em pesadelo, não somente para o dependente químico, mas para a família e, por fim, para toda a sociedade. Este pesadelo revela uma viagem enganosa, na qual o dependente, na busca do conforto e da paz, encontra sofrimento e guerra.

As drogas se tornam instrumentos facilitadores para o aprisionamento. É paradoxo, pois, por um lado a busca de alívio imediato do indivíduo transforma-se em sofrimento garantido, ampliando seu sentimento de inadequação social. Tal realidade se revela sufocante, acelerando a crise social, excluindo o ser produtivo e participante, tornando-o destrutivo e ausente. O mundo das drogas leva ao abandono da vida sadia.

A pesquisa segue na direção de intersecção entre violência e religião, e quais são as realidades das Clínicas e Casas de Recuperação e Reabilitação para dependentes químicos e alcoolistas, que professam a fé cristã e aplicam os princípios cristãos ou princípios religiosos, como um dos principais recursos para a recuperação, reabilitação, inclusão social, reconstrução familiar dos indivíduos que atravessam o processo de tratamento.

A partir de uma pesquisa em algumas clínicas evangélicas de recuperação para dependentes químicos e alcoolistas, pude percorrer os espaços que discorrem todos os processos de tratamento, analisando a partir de um olhar crítico e acadêmico, os fatores que envolvem a reconstrução do indivíduo que é dividido nos dois "mundos" exclusão e inclusão. O primeiro mundo é a relação dele consigo mesmo, dele com o próximo, dele com o meio ambiente. O segundo mundo encontra-se com os processos que são trilhados pelas respectivas casas de recuperação, a construção de um "mundo" de inclusão. As clínicas buscam recuperar, tanto o agente da violência quanto o receptor desta violência. Assim, com esta pesquisa pretende-se buscar uma compreensão do trabalho feito com esses indivíduos, mapeando as clínicas e casas de recuperação que compartilham do mesmo objetivo, porém com uma perspectiva diferente, a qual se perceberá conforme o desenvolvimento de pesquisa.

As clínicas e casas cristãs, por conseguinte, chamadas de confessionais, se utilizam do fenômeno da religião como ponto principal de transformação. Iniciamos a pesquisa com observação de duas casas ou clínicas localizadas em São Paulo, essa observação ocorreu por meio da visita e acompanhamento detalhado de todo o sistema implantado, o qual será submetido á análise crítico-comparativo, com olhar acadêmico, de forma investigativa, com o objetivo de apurar os resultados destas casas/clínicas para comprovação da eficácia do método utilizado por elas.

A pergunta que procuramos responder é se com a utilização e introdução do fenômeno Religioso as Clínicas Evangélicas de recuperação para dependentes químicos e alcoolistas, alcançam resultados eficazes. O caminho percorrido para essa investigação será relatar a trajetória histórica de Casas de Recuperação e Reabilitação para dependentes químicos e alcoolistas, os processos utilizados para o tratamento do indivíduo e a aplicabilidade de mecanismos religiosos tendo estes últimos como principal fonte de pesquisa; a partir destas informações pretende-se avaliar, de forma detalhada, a vida destes indivíduos: antes da casa, durante o processo de internação e o depois da passagem do indivíduo pela casa, seus respectivos aspectos de recuperação e reabilitação. Identificar as principais estratégias desenvolvidas pelas Clínicas e Casas de recuperação e reabilitação para dependentes químicos e alcoolistas, demonstrando se essas estratégias são eficientes e eficazes, ou apenas terapias paliativas ocupacionais sem resultados expressivos ou efetivos.

Além do método da abstinência, isolamento das relações anteriores e carga exaustiva de atividades domésticas, as Clínicas evangélicas também se utilizam de princípios religiosos cristãos como veículo, sistema religioso, para buscarem em “Deus”, a recuperação do indivíduo e a transformação do mesmo, com o objetivo de

reintegrá-lo de volta à sociedade, devolvendo a cidadania e dignidade. De fato, é possível obter resultados positivos nas Clínicas para dependentes químicos ou alcoolistas, que introduzem uma religião, especificamente, a religião cristã.

Por meio de líderes carismáticos, com uma mensagem que esbanja a esperança e a solução para centenas de agravos insolúveis, com uma linguagem simples e clara de fácil compreensão, com um sistema disciplinar rígido que leva o indivíduo a uma esfera de readaptação natural dos processos éticos e morais, com exemplos palpáveis de um mundo que é destruído por aqueles que se enclausuram e se negam submeterem ao processo de tratamento, e de outros que se levantam em meio aos escombros e seguem rumo à reconstrução de suas vidas pelo poder da mensagem, cujo conteúdo teológico gera uma ideologia transformadora.

Os assuntos que despertam mais e mais pesquisadores, desafiando-os a buscar melhor compreensão para determinados temas, tem aumentado no Brasil. Com um viés totalmente singular, tem atraído o interesse daqueles que desejam avançar com mais profundidade na área da religião. Ao pesquisar os fenômenos da religião brasileira é possível compreender melhor a problemática que envolve a religião. Assim, a principal meta é contribuir de maneira expressiva, a partir da pesquisa, oferecendo um material que traga mais reflexão quanto à realidade da religião e suas implicações nas casas e clínicas de recuperação.

Esta reflexão emprega um papel importante, não só para compreensão da Religião e Clínica, como também para um diálogo que a religião exibe em meio às muitas violências na sociedade. As pesquisas que tem focado este ângulo, não se esgotaram, ainda há perguntas que se fazem diante deste conceito relacional, violência e religião, religião e clínica, clínica e recuperado, recuperado e o evangelho.

Com estes elementos percebe-se ainda uma lacuna nas relações, com isto a ideia de explorar o assunto e transportá-lo, para o campo acadêmico tem sido mais que uma dissertação, é um desafio relevante.

## **CAPÍTULO 1 – Violência e Droga: exclusão e inclusão**

### **1.1. Violência: uma realidade contemporânea**

O Dicionário da Língua Portuguesa Aurélio define violência como o “ato violento ou ato de violentar”. Pode-se compreender a violência como a ação praticada fruto do resultado de um comportamento agressivo, gerado por alguém que danifica outra pessoa. Pode-se estender tal ação a objetos e também o uso excessivo da força física, cujos mecanismos causam prejuízo. Assim, podemos arriscar que comportamento agressor e transgressivo tem como resultado um grave problema social, o qual tem sido realidade ao longo da história da humanidade.

Segundo o dicionário francês Robert, a violência é o “fato de agir sobre alguém ou de fazê-lo agir contra a sua vontade empregando a força ou a intimidação”. Pode ser compreendido como o “ato através do qual se exerce a violência” e “uma imposição natural para a expressão brutal dos sentimentos.” Violência, pode ser entendida como a força irresistível de uma coisa ou o caráter brutal de uma ação (ROBERT, 1964 apud MICHAUD, 1989, p.7).

O Dicionário de filosofia define violência como:

(1) O uso da força para causar dano físico, morte ou destruição (violência física); (2) a causação de dano mental ou emocional intenso, como através de humilhação, humilhação, privação ou lavagem cerebral, usando ou não a força (violência psicológica); (3) de maneira mais geral, conspurcar, profanar, aviltar ou mostrar desrespeito para com algo valorizado, sagrado ou estimado (isto é “exercendo violência” contra ele); (4) força física extrema no mundo natural, como nos tornados, furacões e terremotos (2006, p. 983).

A violência pode variar de uma cultura para outra, conforme o momento histórico vivido. Apresenta como dano a dor, o sofrimento e a morte.

Há diversas maneiras que tal violência se manifesta, podendo ser

categorizada da seguinte forma: violência contra a criança, mulher e idoso, violência ética, moral e sexual, entre outras. A reflexão desta pesquisa destaca o meio urbano como o mais propício para o desencadeamento de atos de violência. Em outras palavras esse complexo de violências pode ser colocado na ambiência da violência urbana.

As grandes cidades, neste sentido, são ambientes disseminadores, onde se determina tal violência por valores sociais, culturais, éticos, econômicos da sociedade vigente.

O que muito tem contribuído segundo alguns pesquisadores, para o crescimento da violência nas grandes metrópoles, são alguns problemas bem conhecidos, a saber, família desestruturada, realidade do desemprego, o implacável tráfico de drogas, as banais discussões, a miséria da educação atual etc<sup>1</sup>.

Existe a consciência de que violência urbana<sup>2</sup> não é algo contemplado apenas nas grandes cidades, mas com certeza nas pequenas. É realidade gritante o aumento no número de ações violentas, como assaltos, homicídios, tráfico, estupro etc. Assim, tal violência alcança proporções gigantescas e necessita urgentemente de solução.

---

<sup>1</sup> Uma pesquisa realizada com 3.644 pessoas, entrevistadas onde a violência existe, na faixa etária de 15 a 75 anos de idade. Pesquisa feita e subsidiada pela parceira efetuada entre a Universidade Federal do Rio de Janeiro e a Fundação Oswaldo Cruz. O financiamento para o estudo foi do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico que disponibilizou R\$1,7 milhão e permitiu comparar a relação existente entre violência e saúde. A violência é considerada uma questão de saúde pública pela Organização Mundial de Saúde, OMS, desde 1996, por atingir a população de várias cidades do mundo deixando seqüelas e traumas a serem tratados.

<sup>2</sup> O termo violência urbana usado para designar ataques relativamente sérios à lei e à ordem pública que vêem a violência se exprimir em uma ou mais cidades de um ou mais países. Trata-se do fenômeno social de comportamento deliberadamente transgressor e agressivo ocorrido em função do convívio urbano, que tem algumas qualidades que a diferencia de outros tipos de violência, e se desencadeia em consequência das condições de vida e do convívio no espaço urbano. Sua manifestação mais evidente é o alto índice de criminalidade; e a mais constante é a infração dos códigos elementares de conduta civilizada.

Ela é determinada por valores sociais, culturais, econômicos, políticos e morais de uma sociedade. No entanto, ela incorpora modelos copiados dos países de maior influência na esfera internacional. Fonte: [http://www.renascerebrasil.com.br/f\\_violencia2.htm](http://www.renascerebrasil.com.br/f_violencia2.htm).

A violência também está ligada às questões econômicas, pois mexe substancialmente nos cofres públicos. Por quê? Simples, na tentativa de diminuir as consequências da violência, se gasta muito recursos em políticas de segurança, os quais poderiam ser utilizados no bem-estar social.

A reflexão sobre violência urbana tem sido constante em todo território nacional. Esta tem deixado marcas profundas. O sentimento diante de tal reflexão é de perplexidade e medo, pois a brutalidade de muitos crimes, assaltos e homicídios deixam impressionados até mesmo policiais experientes, principalmente frente à frieza de alguns destes violentos criminosos<sup>3</sup>.

A reflexão sobre a violência desperta a consciência da dimensão do problema que já faz parte do modo de viver da sociedade. Neste sentido, violência banalizada vem a ser normal.

[...] uma das condições básicas da sobrevivência do homem, num mundo natural hostil, foi exatamente sua capacidade de produzir violência numa escala desconhecida pelos outros animais. (ODALIA, 1985, p. 14).

Assim, tal violência pode ser um conceito variante de sociedade para sociedade. Pode-se apresentar um conceito da palavra violência, justamente para se tentar caminhar nesta pesquisa, mas deve-se ter em mente que ela pode ter vários sentidos, como por exemplo, agressão física, sentido geral de uso da força física, ameaça ou até mesmo um comportamento ingovernável, que pode ser praticado contra o outro, contra si mesmo ou ambos.

As drogas se encaixam perfeitamente nesta dimensão e, muito tem contribuído para agravar o problema da violência. Elas são sem dúvida um

---

<sup>3</sup> Um exemplo disto é a ousadia e poder de fogo das armas à disposição de quadrilhas de traficantes, que impressionou o diretor de Polícia da capital, delegado Ronaldo Oliveira. Para se ter uma idéia, entre as 8.914 armas apreendidas pelas forças de segurança do Rio, segundo o Instituto de Segurança Pública (ISP), aparecem metralhadoras .30 e .50, de uso exclusivo das Forças Armadas e capazes de derrubar helicópteros, além de fuzis e pistolas.

agravante que, como erva daninha, se espalha em todas as direções e com grande rapidez, atinge todo o tipo de sociedade, independente das riquezas que possuem<sup>4</sup>. Tal violência merece ser combatida do ponto de vista comportamental, familiar, policial e religioso.

O longo processo da civilização só foi possível pelo simples fato das pessoas obedecerem a leis que estabelecem um mínimo de convívio (BUORO, 1999). Dentro deste mínimo de convívio a violência deixou de ser espontânea e irracional para ser controlada dentro deste ambiente necessário, onde seres gregários devem reagir positivamente a um governo centralizado.

A violência pode ser colocada entre a racionalidade e a destruição dos homens, uma fronteira que destitui cidadãos, pois fere a lógica do convívio tolerável. Esta é uma maneira subjetiva de encarar tal realidade, que certamente se projeta para a dimensão concreta e objetiva.

Esta dimensão concreta compõe os conjuntos similares, como por exemplo, o lar. Tal dimensão concreta se manifesta em direções opostas, das favelas aos

---

<sup>4</sup> Sobre os índices de violência nas cidades do planeta, Viviane Chaves repassou a informação de que sete em cada dez moradores de cidades na América Latina já foram vítimas da violência. Segundo ela, isto é o que afirma um estudo da Organização das Nações Unidas (ONU), que divulgou um relatório sobre a criminalidade nesta segunda-feira, 1º/10, o Dia Mundial do Habitat. O documento alerta para a expansão caótica das cidades um fenômeno que, segundo eles, está diretamente ligado com a criminalidade em todos os países. O relatório aponta que, em 20 anos (de 1980 a 2000), os índices de violência subiram 30%, passando de 2.300 para 3.000 crimes para cada 100 mil habitantes. De acordo com a ONU, populações pobres que vivem em favelas são as mais afetadas pela insegurança. A organização também destacou que crianças moradoras de rua também são vítimas constantes da violência. A ONU calcula em 100 mil o número de menores que não têm casa em todo o planeta. No Brasil, os Estados do Rio de Janeiro e de São Paulo são responsáveis por metade dos crimes em todo o país. Segundo o documento, mais de cem brasileiros são vítimas de armas de fogo diariamente. A mesma comparação também vale para Caracas e Cidade do México, de acordo com o relatório.

O secretário-geral da ONU, Ban Ki-Moon, declarou que a violência urbana e o crime estão aumentando em todo o mundo. O representante afirmou que, apesar dos casos mais frequentes acontecerem na África, América Latina e Caribe, a criminalidade também está crescendo nos países desenvolvidos.“

A violência generalizada na periferia de Paris e em toda a França, assim como os atentados terroristas em Nova York, Madri e Londres, demonstra que as cidades nos países ricos também estão vulneráveis, disse. O relatório da ONU prevê possíveis soluções para o problema da violência. Entre as medidas, está o desenvolvimento de programas de segurança pública que envolvem a participação das comunidades. Fonte: [http://www.elnet.com.br/news\\_interna.php?materia=2900](http://www.elnet.com.br/news_interna.php?materia=2900)

palacetes, das ocupações irregulares aos grandes empreendimentos, de toda sorte de falta de planejamento à moradia de alta tecnologia.

A violência não escolhe dimensão espacial, mas se achega onde encontra espaço. Porém, nas periferias das cidades, sejam grandes, médias ou pequenas, onde a presença do Poder Público é fraca, ou seja, a eficácia sempre está comprometida pela falta de policiais e recursos, e por conta disto, parece que a violência consegue instalar-se mais facilmente. São nestas áreas urbanas que se encontra precariedade em diversas áreas, a saber, infra-estrutura deficiente de equipamentos e serviços, saneamento básico, sistema viário ineficaz, energia elétrica e iluminação pública precários, transporte, lazer, equipamentos culturais, segurança pública e acesso à justiça.

O mundo em que a violência parece se alimentar mais, contempla uma baixa qualidade da educação fundamental. Em outras palavras, a desinformação junto a necessidade de se manter um mínimo de vida pode ser uma combinação terrível para a propagação da violência. Há a grande dificuldade em priorizar a educação fundamental a todos os cidadãos, pois o acesso hoje é garantido por lei, mas não a qualidade. A implicação tem levado a uma baixa valorização da família e dos valores primordiais familiares. Neste sentido, o dano está na perda do compromisso por parte dos pais.

A violência vulgarizada tem sido popularizada pela mídia, pois essa se alimenta daquela. Cadáveres são mostrados sem pudor nas cenas da violência, ações criminosas potencializadas sem prévia reflexão etc.

A reflexão é simples, não se trata de apontar a pobreza como causa direta da violência. A análise contempla como consequência, que os mais pobres são mais vulneráveis a ela, por conta das possíveis injustiças, do abandono social, da

ausência de preparo para melhores trabalhos etc<sup>5</sup>.

A discriminação nas camadas sociais leva ao rompimento da personalidade das relações nas grandes metrópoles e, por implicação, a desestruturação e o abandono familiar. Tal discriminação torna-se causa e efeito, pois sem laços familiares fortes, a probabilidade de uma criança vir a cometer um crime na adolescência é maior.

A desestruturação de um lar pode ter iniciado pelo pai e mãe, quando estes não assumem suas responsabilidades de tutores e mentores, qualquer que seja o motivo, por interesse pessoal ou pela impossibilidade.

## **1.2. Violência: suas representações sociais**

O comportamento violento é presente no cotidiano em suas mais diversas facetas. Neste sentido, o que compõe tal violência não é de fácil compreensão, mas certamente tem grande impacto em nosso sistema democrático.

A violência, como fenômeno complexo, pode ser discutida a partir de diversas óticas de análise: aspectos sócio-econômicos e políticos, aspectos culturais, e aspectos psicológicos.

Vemos e analisamos diante desta realidade que vivemos:

A observação e análise de novas formas de sociabilidade postas pelas mudanças no mundo capitalista, em especial, (...) a reestruturação produtiva sob o primado da globalização da economia e sua incidência nas práticas sociais, e do impacto da agenda neoliberal sobre a área do bem-estar (YAMAMOTO, 1997, p.62).

---

<sup>5</sup> Sobre este tema, o sociólogo Luís Antônio Francisco de Souza diz que “A pobreza não é causa da violência. Mas quando aliada à dificuldade dos governos em oferecer melhor distribuição dos serviços públicos, torna os bairros mais pobres mais atraentes para a criminalidade e a ilegalidade.”  
Fonte: [www.serasaexperian.com.br/guiacontraviolencia/violencia\\_urbana.htm#ixzz1gzBtej5v](http://www.serasaexperian.com.br/guiacontraviolencia/violencia_urbana.htm#ixzz1gzBtej5v)

### **1.2.1. Aspectos da violência: sócio-econômico**

A violência, em nosso contexto atual, no Brasil, está inserida num sistema capitalista e globalizada. O capitalismo é ambiente propício para desenvolvimento científico, econômico e histórico. Promove um grande fluxo de informações e misturas de hábitos, línguas e costumes. O ideal capitalista normalmente leva a uma lógica de intercâmbio e trocas de culturais com outros ambientes, numa busca de novas conexões, cujo alvo é o intercâmbio comercial. Isto gera certa interdependência entre mercados internacionais.

O sistema capitalista enfrenta crises em sua própria manutenção. O sistema social deveria garantir emprego, seguridade social, saúde, e outros direitos do trabalhador. Isto, para sustentar certa estabilidade. A classe trabalhadora, diante da crise capitalista, levanta críticas severas pelo fortalecimento da classe burguesa, que busca consolidar o poder do lucro burguês.

A desigualdade emerge como valor positivo. As conseqüências aparecem como fruto disto: desemprego, miséria, favores sociais, profissionalização do crime e da violência, direitos do cidadão concebidos como favores sociais etc. Neste contexto de desigualdade social, surge a violência.

O que deveria satisfazer as necessidades existenciais acaba por perder o valor: o trabalho. Isto tem conseqüências do ponto de vista da integração social, uma vez que neste sistema as relações são constituídas pelo ter, poder, status e dinheiro. O indivíduo passa a ter séria inclinação a um vazio existencial, possível perda de referencial de identidade, uma vez que ter é mais importante que o ser.

Neste sistema capitalista, existem vencedores, e, conseqüentemente, perdedores. O número de excluídos cresce, pois não alcançam a riqueza abstrata da

sociedade. O ciclo de riqueza versus pobreza se reproduz e aumenta. Os indivíduos lutam para conseguir trabalhar no que for possível. Aparecem as consequências sociais: desorganização familiar, preconceito, isolamento, surgimento de subcultura, dependência do assistencialismo, ausência de ética, alcoolismo, droga. (IANNI, 1990, p.175).

### **1.2.2. Aspectos da violência: cultural**

A violência se manifesta nas diversas culturas, os atos de violência estão presentes na ordem social. A violência é elemento de ordem cultural, pois configura vínculos entre os indivíduos, no sentido de se buscar um sentimento de igualdade.

A violência é vivenciada por meio do simbólico, do sagrado, onde agrupamentos dão sentido aos seus atos. Deve-se levar em conta que nossa sociedade contempla a violência como um elemento de desordem.

A violência social jamais pode ser atribuída a vítimas expiatórias, cuja fragilidade se expõe: os pobres, os homens de cor, os delinqüentes, as prostitutas, os migrantes, os meninos de rua. Jamais podemos ter uma visão parcial do homem e da sociedade: de um lado, os “bons”, pessoas positivamente inseridas no mercado de trabalho e consumo; e de outro lado, os “maus”, pessoas pobres e que questionam a sociedade, que são vistos como agressores em potencial.

A sociedade constrói uma série de representações que respaldem simbolicamente essa realidade dividida. Por exemplo, a mídia veicula a violência, que passa a estar onipresente. O princípio da violência passa a reger a vida social. Tal realidade resulta em ameaças de balas perdidas, assaltos, arrastões, gangues, sequestros, atos psicopatas, assassinatos que ferem a consciência social, e, pior,

determinam a sua percepção de mundo e comportamentos. O fim disto é viver uma cultura do medo, gerando seres isolados e fechados nas casas, que para evitar o perigo, evitam lugares e pessoas. Por conta disto, medidas de isolamento social são buscadas nas empresas de segurança, na tentativa de isolar a desordem que compõem o outro mundo, o que está lá fora.

O aspecto cultural da violência revela algo assustador, o fascínio pelas imagens reais ou estilizadas que esta violência produz. Isto pode ser visto nos altos índices de audiência dos filmes com conteúdos de violência, com lutas, tiros, assassinatos, e outras violências estilizadas. Também é realidade o desejo de alimentar os olhos pelas reportagens que enfatizam a dramatização sensacionalista de casos policiais. Esta exposição pelos meios de comunicação revela uma incapacidade do indivíduo de se chocar com a violência, a diminuição da indignação com a injustiça exposta. O que ocorre é a banalização do conteúdo violento.

### **1.2.3. Aspectos da violência: psicológico**

A violência está diretamente inserida na reflexão do comportamento humano, levando-se em conta as dimensões individuais, considerando tanto o potencial para a agressão do agressor, quanto os efeitos psíquicos derivados de uma situação de violência em uma determinada vítima.

A verdade é que os homens destroem os outros e a si mesmo. Todos nós vivemos uma vida num estado de conflito interior entre vida e morte. A vida reflete crescimento, progresso, integração, produção, manutenção etc. Já o pensamento de morte, faz um movimento inverso, desintegra, divide, regressa, estraga etc. (CASSORLA, 1992, p. 95).

É fato que a agressão ou violência percorre todos os campos do comportamento do ser humano. Ela se exprime tanto nas condutas banais, como por exemplo, a exploração do trabalho de outra pessoa, quanto nas condutas não sociais, reprovadas, como por exemplo, gerar sofrimento, ferir e matar o outro (ENRIQUÉZ, 1990, p.108).

Há a reflexão da violência numa perspectiva anti-social, diante da realidade da privação. Winnicott considera a delinquência como um comportamento decorrente de uma revolta ou frustração no processo de diferenciação criança-ambiente, cuja tendência se expressa no desenvolvimento infantil.

A tendência anti-social está inerentemente ligada à privação. (...) Para a criança que é o objeto de nosso estudo, pode-se dizer que as coisas iam bem, mas, de repente, começaram a não ir tão bem assim. Ocorre uma modificação que altera a vida inteira da criança, e essa modificação ambiental acontece quando a criança já tem idade suficiente para entender as coisas” (WINNICOTT, 1990, p.72).

Daqui surgem tais comportamentos agressivos e anti-sociais, cuja tendência é a de compensar o vazio.

O fato é que a violência gera uma dinâmica de força, na qual o agressor não conseguindo satisfazer suas demandas via comunicação, força seus objetivos por meio de ameaças e agressões. Já o agredido luta para ter um significado a tal atitude violenta, e para isto, recorre a mecanismos de culpa ou identificação com o agressor, pois precisa sobreviver. Interessante refletir que o comportamento violento é uma forma de relação que surge do colapso relacional entre o falar e o ouvir. Aqui a comunicação perde significado funcional, resultando a violência, que acaba por extrapolar a dimensão do significado.

### 1.3. Pesadelos de olhos abertos

Está claro que a violência cresce, não há como encobrir diante da força da mídia.

Atualmente, a criminalidade aumenta nas cidades e nos campos pela influência do crime organizado e da delinquência comum. A extrema pobreza e a violenta desigualdade social facilitam os ilícitos das organizações criminosas. O narcotráfico e o tráfico de armas disseminam - do barraco da favela à cobertura do bairro nobre - , vícios, degradação, ilusão de prazer e morte. Calcula-se que 4% da população mundial usa drogas ilícitas. “O tráfico de substâncias psicoativas movimentava cerca de US\$ 450 bilhões por ano” no mundo, dinheiro lavado pelo sistema financeiro internacional. O crime organizado sustenta corrupção da política, do judiciário e da polícia. traficam gente, drogas, armas e influências (2008, p. 1025)

A violência avança rapidamente e gera o dependente de drogas, química que corrói o físico, e destroem a mente. O indivíduo que abusa destas químicas, do álcool, da maconha, da cocaína, do crack, sofre as consequências desta violência.

Como diz Carlini na introdução de seu levantamento sobre uso de drogas:

O uso indevido de drogas tem sido tratado, na atualidade, como questão de ordem internacional, objeto de mobilização organizada das nações em todo o mundo. Seus efeitos negativos afetam a estabilidade das estruturas, ameaçam valores políticos, econômicos, humanos e culturais dos Estados e sociedades e infligem considerável prejuízo aos países, contribuindo para o crescimento dos gastos com tratamento médico e internação hospitalar, para o aumento dos índices de acidentes de trabalho, de acidentes de trânsito, de violência urbana e de mortes prematuras e, ainda, para a queda de produtividade dos trabalhadores. Afeta homens e mulheres, de todos os grupos raciais e étnicos, pobres e ricos, jovens, adultos e idosos, pessoas com ou sem instrução, profissionais especializados ou sem qualificação. Atinge, inclusive, bebês recém-nascidos que herdaram doenças e/ou a dependência química de suas mães toxicômanas (2002, p. 6).

A violência coloca as drogas no centro da existência, fato perceptível quando aquele que começa o uso e já não tem domínio, não conseguindo abandonar tal prática. Totalmente dependente, cujo quadro clínico é de uma doença incurável, com resultados de decadência física, mental, emocional e espiritual, tal pessoa corre o

sério risco de ter fim terrível: ser internado em hospitais, ser preso ou pior, morrer.

O movimento é da ilusão para o pesadelo. A busca pelas drogas pode se iniciar pela necessidade de conexão, de pertencer a um grupo e dimensão que lhe de um pouco de descanso da dor interior. Porém, a dura realidade aponta o envolvimento com as drogas como um pólo de alta desintegração, produzindo exatamente o contrário do que se busca, roubando momentos de relacionamentos verdadeiros.

Este pesadelo é alimentado pela economia, uma vez que plantar, produzir e comercializar drogas gera muito dinheiro, chegando a ocupar o terceiro lugar na economia mundial.

A busca pelas drogas se torna um terrível pesadelo, mas não é busca consciente, não é a motivação de quem usa. O drogado, antes de buscar o prazer, busca a fuga do sofrimento. Em outras palavras, a dor existencial é tão grande que algo precisa ser feito. Uma vez entrado neste estado, de experimentar a possibilidade de não pensar, o vício se instaura.

São muitos os motivos que levam alguém a fazer uso de drogas: por curiosidade, para fugir de determinada situação, para pertencer a um grupo, para relaxar, para estimular, e por aí vai.... No entanto a imediata e intensa sensação de prazer ou ausência de desprazer suscita novo uso. Nada teria isso de mau, se, em alguns casos, não se verificassem más conseqüências desse uso e da dependência. É necessário, então, olhar um pouco mais de perto no como se instala a dependência. De início, devemos nos deter na abertura existencial daquele que faz uso de drogas (SIPAHI, 2001, p.503).

A doença do dependente se dá por causa de seu vazio existencial, abandono social, ausência de amor, perda do sonho de viver na normalidade. Então, procura nas drogas uma resposta para suas indagações, uma cura real para estas feridas que causam dor.

A reflexão é que há um sistema que permite, e até incentiva a proliferação, sendo causa do problema quando alimenta um ser fragilizado. Este sistema que

necessita manter seu poder de circulação de recursos tem pouco interesse na perda de sua clientela.

Quadrilhas e organizações dividem espaços nas comunidades pobres, disputam a venda varejista de drogas e influenciam setores das forças policiais há muito tempo. Violência e “guerras” em favelas e periferias das grandes cidades existem há décadas (MORAIS, 2006, p. 127).

O pesadelo é estar preso nas redes deste sistema, apanhado pelo arpão capitalista que os mantém cativo com promessas que jamais poderá cumprir. Este sistema colabora para a crise de valores, fragilidade nas relações humanas e diluição de modelos e paradigmas de virtude.

É fácil perceber como este sistema se alimenta do conceito sem dor a qualquer custo, basta ver o cotidiano na relação indivíduo-remédio. Sempre há um medicamento que tem poderes para tirar sua dor.

O sofrimento que tem abalado nossa sociedade pós-moderna, relativista, egoísta é o abandono das relações de intimidade, no qual o outro já não pode se apresentar como é, driblando a boa comunicação e dissimulando o tempo todo, pois é a sociedade quem define o indivíduo.

Logo, deve-se viver o que a sociedade quer que se viva. Certamente, isto produz o sentimento de vazio e tristeza de alma. Para o dependente químico tal realidade machuca muito o interior, principalmente, quando a leitura de si mesmo é a de falência e fracasso total.

Este quadro pode ser uma das razões da dificuldade inicial de um dependente de drogas pedir ajuda, uma vez que sua busca é justamente procurar pensar igual a sociedade. Se tal clamor por ajuda for psicológico ou psiquiátrico, a vergonha de fracasso é mais intensa ainda.

A irrupção do capitalismo, com a desestabilização dos códigos, relações rigidamente hierarquizadas, princípios éticos e valores relativamente estáveis e consolidados, propiciou a emergência daquilo que conhecemos como a subjetividade individualizada e singularizada do homem moderno. Trouxe-lhe, em contrapartida, o sofrimento advindo do destino de se encontrar cada vez mais solitário na busca de ideais e identificações que lhe dêem sentido à existência, passando a ter que procurá-los nos limites estreitos da posse e usufruto de bens de consumo. A toxicomania aparece como uma resposta extremada a esse apelo de consumo, em que o próprio sujeito se consome na relação com o seu objeto, ao buscar, deste modo, escapar à falta constitutiva inerente ao ser humano (FILHO, 1998, p. 119).

Um sistema que se alimenta do consumismo, que valoriza demasiadamente o exterior das pessoas, que desperta o tempo todo o ideal de estar bem na vida, quase que abandona o trabalhar no interior da pessoa. Por implicação direta, o uso de drogas se torna o alvo mais facilmente encontrado, de busca intensa por cura para as dores da alma e as intensas crises no modo de pensar.

### **1.3.1. Pesadelo: uma viagem enganosa**

A curiosidade até pode levar um indivíduo a procurar uma viagem mental, mas a busca de conforto para suas mazelas sentimentais faz mais dependentes do que tal mera curiosidade. O engano está na percepção daquele que fica sob o efeito da droga. A sensação de onipotência aplaca sua sensação de fracasso. Esta é uma viagem que leva o viajante para bem distante dos problemas, ligando-o a um mundo fantástico, projetando-o a ser alguém nesta nova dimensão e apagando toda a insegurança.

A droga se torna um interruptor que liga e dá uma sensação de paz, de bem estar, porém sentimentos momentâneos. Com o tempo isto se torna um conceito, um padrão de pensamento seletivo, pois leva a um alívio imediato e a lembranças das boas experiências de quando sob o efeito momentâneo de drogas.

Na contemporaneidade, os laços afetivos precisam gerar prazer imediato e, quando por ventura aparece qualquer ameaça de sofrimento, o outro é descartado rapidamente, para preservar a ilusória sensação de felicidade – atributo fundamental e irrevogável das individualidades contemporâneas. É necessário enfatizar que, na pós-modernidade, atendendo a esta lógica, felicidade se configura como sinônimo de euforia. Nessa imagem social construída para o sujeito, não existe lugar para afetos humanos básicos: angústia e tristeza são banidos do ideário pós-moderno e, a qualquer sinal de sua proximidade, o indivíduo deve acessar dispositivos para sedá-la – anti-depressivos e drogas as mais diversas. Diante desse panorama não se faz mais distinção, por exemplo, entre o que seria a devastação depressiva e afeto de tristeza como vivido nas experiências de luto. (MAIA, 2004, p.78).

O prazer é a porta de entrada. Porém, uma vez estabelecida a dependência, os grilhões são colocados e a vida se vincula em função das drogas. Pesadelo que gera mais pesadelo, pois o dependente já não pode suportar ainda mais sofrimento e problemas, usa maior quantidade de droga nesta busca de alívio imediato. O ciclo de continuidade gera a esta total dependência química.

### **1.3.2. Drogas: uma escravidão constante**

A lógica da dependência é a seguinte: somar dor com drogas é ter imediato alívio do sofrimento, porém com ampliação da dor futura. O processo avança e a escravidão se instaura.

Este se torna o estilo de vida do dependente, um projeto suicida. O descuido com aparência pessoal, os acidentes constantes, o risco diário, necessidades de furto, constância do roubo, busca de sobreviver por meio da prostituição, a perda da moral, da dignidade e do respeito.

Esse modo de viver se reduz a tal nível, que o eu se perde nesta escravidão. O resultado é ter o corpo, a mente e o espírito afetados de tal modo, que a recuperação parece algo impossível.

O dependente de drogas que se nega deixar a droga, que se nega a receber ajuda da família ou de pessoas próximas, que se nega ouvir argumentos contrários à sua forma de vida e que se nega a pensar sobre sua condição de escravo da droga é semelhante ao escravo que pediu para permanecer na senzala. Nesse caso, o dependente acredita que a droga, exclusivamente, lhe dá o sentido de sua vida. É como se fosse mais fácil ser drogado, pois a vida “normal” implica em buscar ou descobrir sentido em si mesmo e estabelecer relações construtivas com a sociedade; tarefas que exigem disposição, um sempre fazer e refazer, superar frustrações e perdas, renovar esperanças e aceitar que muito da existência é apenas provisório. Esse dependente está duplamente adoecido: pela própria dependência e por falsamente acreditar que é livre, haja vista que para ele sua condição de escravo é o mesmo que liberdade, não ensaiando o mínimo esforço para superar sua escravidão. Há, então, uma inversão de valores: sendo escravo da droga, considera-se senhor de si, quer dizer, supõe-se livre (CORTEGOSO, 2001, p. 63).

Na tentativa de fugir dessa escravidão, alguns dependentes químicos se dispõem a deixar as drogas. Muitos não conseguem, pois não exteriorizam, deixam tal desejo apenas em sua percepção. O desejo de abandonar as drogas ocorre quando há modificações dos valores por causa do estrago que passa a acontecer em si mesmo. Nos momentos de lucidez, vem a crise de identidade, pois o que de fato acontece é a perda dos valores de vida. Quando isto ocorre, a busca por uma saída sempre é com grandes dificuldades, porque a vida está desestruturada

Os valores como, relacionamento, diálogo, confiança, organização, pontualidade, solidariedade, humildade, dignidade, responsabilidade, respeito, disciplina, sinceridade, honestidade, se afastam muito da realidade desta fase de escravidão. Logo, lidar com a complexidade da vida se torna quase impossível.

O escravo da droga não contempla lugar para o semelhante. A consequência direta é não conseguir manter relacionamentos profundos e duradouros com o seu semelhante. A vida do drogado fica ligada a um mero objeto. Assim, a ligação social se torna anulada. A escravidão aniquila o indivíduo e a coletividade do drogado. Tal vivência nula se manifesta melhor na noite, na escuridão, no anonimato, na ausência de rumo, enfim, é um viver alienado, de si mesmo e dos outros.

O drogado ativo mantém uma mesma lógica, de que a solução está na constante ação do uso das drogas, e, por isso, recorre às mesmas experiências de destruição de si mesmo e também da possibilidade do nós, do coletivo, do social. O drogado foge de qualquer trabalho de suas crises. A implicação direta é jamais dar chances de uma vida nova. Assim, Trata-se de uma condição de escravidão, justamente por conta de uma individualidade que não se mostra com autonomia, e, ao mesmo tempo, se afasta do cotidiano coletivo. Neste sentido, o drogado não transforma seu ambiente de permanência num mundo possível.

O temporário é elemento presente. A vida se limita ao provisório, pois a vida não tem jeito. Não há vitórias ou fracassos definitivos. O drogado tem grande dificuldade em superar pequenos problemas do dia-a-dia, ele realmente crê que encontrou uma definitiva solução para a vida, uma resposta fácil e inquestionável. Jamais aceita aquilo que pode durar algum tempo em sua existência. Caso aceite isto, se posiciona como alguém que quer ajuda interior.

O drogado é um suicida<sup>6</sup>, justamente por conta de destruir aos poucos as condições de existência. Normalmente, apresenta uma ausência de saúde mental e emocional, pois carece de capacidade de ver a realidade, de reconhecer e admitir que é um dependente químico, de sair da fantasia e de parar de usar os mecanismos de defesa.

#### **1.4. Uma sufocante realidade**

O consumo de droga se manifesta como sintoma de crise social que atormenta há muito tempo e assume dimensões que preocupa a todos, mesmo

---

<sup>6</sup> Charbonneau, chega a dizer: “que ele, o drogado, tem uma espécie de fascinação pelo suicídio”

aqueles que estão dependentes. É fato que o ser humano procura alterar em todo tempo as suas sensações, o seu humor e as suas percepções. A consequência é mudar a sua orientação em relação a si mesmo e ao seu meio.

A droga leva seu usuário a tirar férias para fora da realidade. É cair numa dimensão em busca do alívio das dores, bem como mortificar a ansiedade, ou a tentativa de mudar o modo natural de orientação do seu próprio meio, ou seja, as substâncias químicas servem para que o dependente descubra novas intuições, aumente a criatividade e potencialize a intensidade das experiências sensitivas e estéticas, fugindo deste modo de suas verdadeiras dores.

A razão de quem busca tais experiências se baseia numa necessidade de ficar alheio à realidade. O alvo é a ausência do seu mundo, é se lançar numa evasão puramente hedonista. Os fantásticos efeitos que as drogas produzem são, sem dúvida, fortes motivações para a sua utilização. Tal motivação fortalece a fé na pura crença de que os efeitos produzidos por essa substância são na verdade, a própria realidade.

Neste estado, existem tantas óticas das realidades quantas consigam vivenciar. O mais interessante é a possibilidade que o dependente acredita ter de poder mudá-las e controlá-las. As drogas podem colocar em cheque a identidade do indivíduo, pois também pode trazer até a consciência a identidade perdida no subconsciente.

As drogas, usadas para excitar e estimular, servem tanto para diminuir como para aumentar a sensibilidade, e o resultado é este quadro bizarro de embriaguês. Isto porque gera mudança na mente, transformando o poder que há em cada um de nós, criando um universo sufocante, numa mudança física que aniquila a liberdade do indivíduo.

Há diferentes tipos de usuários de drogas, e alguns se iniciam cedo no consumo de *crack*. Estes se tornam os “nóias”. Eles se transformam em sujeira na realidade. Na reportagem da revista *Veja*, percebe-se esta terrível verdade:

Matando os nóias, que são os garotos viciados em crack, a gente evita que eles sujem a área. É como limpar um lixo da rua. Sabe quando junta aquele lixo? No ambiente que você trabalha, não precisa arrumar as mesas? É a mesma coisa com a gente. Precisamos limpar o ambiente de trabalho. Matar os nóias é obrigação. Todo dia tem BO de um nóia. A gíria BO vem de boletim de ocorrência e significa um problema que alguém arruma para a gente. Matar nóia é limpeza. Você derruba o cara, coloca dentro do carro, leva na represa, rasga a barriga dele e joga dentro do rio. Quem vai achar o cara? Ninguém acha (1999, p. 42).

O sufocar da realidade está nesta banalidade, a qual desqualifica este nível de consumidor no mercado, porque é barato, e, portanto, desvalorizado. O consumir determinada droga se tornou um modo de ser, feito para tipos sociais.

O indivíduo drogado é elemento sem moral, sem raiz no processo de crescimento. O que se espera é a moralização social desse sujeito que se tornou sujeira humana. Então, qual é a possibilidade, qual é o modo mais eficaz para essa moralização? Seria um tipo de conversão?

Os usuários precisariam estar dispostos a tal mudança, que na verdade deve ser encarada como uma mudança de estilo de vida. O problema é que a droga toma o indivíduo, e assume um papel crucial, projetando o indivíduo para ações, que jamais fariam sem ela. Nesta perspectiva, conversão é renúncia. Quem renuncia deve se despedir, na verdade, deste modo de ser.

A reciprocidade é fundamental. Em outras palavras, conferir valor tanto para o reconhecido, quanto para aquele que reconhece, para que não perca o valor por aquele a quem é dirigido o reconhecimento. Entra em cena o exercício do reconhecimento, e, tal condição é básica para a prevenção.

#### **1.4.1. O mundo próprio das drogas**

As drogas, os viciados, o tráfico, a produção etc., geram um sistema, a saber, um mundo próprio, que tem características distintas, linguajar próprio, e que só se abre aos iniciados.

Neste mundo próprio há os que são marginais, justamente os que estão de fora, pois não se relacionam com todo o seu significado social. Esse mundo se vincula a um processo social, cuja organização é necessária, pois há produção, distribuição e consumo. Mas também há conjuntos de valores, de crenças, de estilo de vida próprio, visão da realidade, tudo isso, constrói e mantém tal estrutura social.

Este mundo próprio encontrou sua capacidade em subverter indivíduos, fazendo-os abandonar o curso da vida sadia, ausentar-se do convívio da família, fugir de atividades regulares, como trabalho e estudo, tudo isto para obter êxito nesta utopia sistematizada.

O drogado tem seu mundo sistêmico e “real”. Ali ele faz sua carreira. Estabelece hábitos, gera um modo de ser. Há o aprendizado inerente, numa disposição para um determinado estado de consciência, pois a mente projeta um tipo de droga instrumental, diferente da droga real, que impõe certa sociabilidade, enquanto que a outra droga é o combustível para impulsionar este mundo próprio.

#### **1.4.2. O ethos das drogas**

O ser humano é ser que busca se juntar com o outro, por natureza deseja estar entre os seus. Não é diferente neste mundo próprio das drogas. Os indivíduos drogados se juntam. Estes ajuntamentos se desenvolvem, buscam conhecimentos a respeito das drogas que utilizam, compartilham experiências, estabelecem normas e

formas de uso, cujo objetivo é encontrar um meio de usar melhor seu pólo de unificação, a droga. (BECKER, 1977).

Neste “ético” sistema paralelo, indivíduos se articulam, desenvolvem linguagem particular, pois usuários e traficantes necessitam se comunicar, de modo a tentar fixar suas identidades diante da sociedade. Este ethos extrapola a família. A busca é constante para uma legalidade ideológica. Tal realidade e tal exercício mental dificilmente concretizam um estado de pertencer ao mundo ideal, pois sempre haverá este paradigma, o mundo da ordem, da família, da religião.

Ocorre que o drogado acaba por viver em dois mundos, numa tentativa de integração e fuga da discriminação, uma vez que não sabe conjugar essas duas realidades.

## **CAPÍTULO 2 – A intersecção entre violência e religião: centros de recuperação**

A prática de uma religião pode ser altamente relevante para a formação e diretriz numa determinada sociedade, bem como para a melhora das condições de vida para indivíduos ligados à violência, quando tal religião propõe o respeito mútuo e a manutenção das relações sociais, cuja base é a reverência ao ser divino e ao próximo. Neste sentido, a abordagem do encontro destes dois fatores sociais pode ser relevante, como parte da solução para a cura de pessoas excluídas.

[...] As propostas e modelos de tratamento para farmacodependentes, em geral, são procedimentos ecléticos de ações médicas, psicológicas, sociais e religiosas. É pouco comum encontrarmos modelos puros. Nas últimas décadas, instalou-se uma panacéia de abordagens, um verdadeiro vale-tudo para se obter a abstinência de drogas. Este era o objetivo maior dos chamados tratamentos. A meta da abstinência, como um fim, foi a justificativa para a adoção dos meios mais variados, tais como: desintoxicação, com ou sem manutenção farmacológica; psicoterapia, catequização religiosa; intimidação policial; agressões físicas; laborterapia; internação psiquiátrica; clínicas especializadas; programas de narcóticos anônimos (NA); programas residenciais dirigidos por ex-dependentes; ambulatórios com equipe multiprofissional e enfoque interdisciplinar (REZENDE ,2000, p.55).

É fato que ao tentar responder questões densas a respeito de dependência química, deve-se reconhecer que há a necessidade de tratamento efetivo e, para isto, as clínicas de recuperação caminham na via da exclusão social, num primeiro momento, acompanhamento multidirecional e, por fim, inclusão social.

A violência é um conceito amplo. O destaque aqui é saúde física e emocional diante do uso das drogas e o ambiente de recuperação. Assim, quando o dependente químico ou a sua família buscam ajuda para recuperação, mostram que estão totalmente despreparados para atuar neste campo da violência e, por isso, necessitam da intervenção de associações especializadas neste tratamento.

Vejamos, então, duas casas de recuperação confessionais que se propuseram serem órgãos especializados no tratamento de dependentes químicos.

## **2.1. Centro de recuperação Desafio Jovem: Juventude para Cristo**

O lema deste centro de recuperação é: “Se você quer abandonar as Drogas e os Vícios o problema é nosso! Se você quer continuar com as Drogas e os Vícios o problema é seu”.

### **2.1.1. A História**

O Desafio Jovem é um centro de recuperação para dependentes Químicos e alcoolistas. No ano de 2011 o Desafio Jovem completou 23 anos e carrega ao longo deste tempo uma história marcada por muitos acontecimentos, alegrias, tristezas, frustrações, privações e milagres<sup>7</sup>.

Como Associação, tem um presidente, que atualmente é Dimas José da Silva, 52, pastor evangélico. A história deste centro está ligada à história pessoal de seu presidente, o qual também esteve envolvido com tal violência e passou pela experiência religiosa como elemento de recuperação e inclusão.

Em seu relato histórico destaca-se o vício do álcool por 15 anos. Seu envolvimento com a religião cristã foi decisivo em sua recuperação. Após vivenciar a experiência da conversão, se tornou adepto da Igreja do Evangelho Quadrangular.

---

<sup>7</sup> O termo milagre está relacionado a um fato que pode ser entendido como extraordinário, cuja explicação não tem base científica, e para os cristãos, tal acontecimento é atribuído à um ato de intervenção de Deus no dia a dia dos acontecimentos, e tem a finalidade conduzir os seres humanos a Deus de modo extraordinário.

Com o passar do tempo foi sendo despertado a se envolver com o trabalho, o qual estava identificado com seu problema. O alvo seria ajudar as pessoas que viviam a situação:

Tinha certeza que agora minha tarefa era fazer um trabalho voltado para ajudar pessoas que estavam na mesma situação que já vivi; escravo de um vício esperando um dia a morte chegar.

Dimas, identificado nesta nova perspectiva, passa a realizar o trabalho, tendo como base a Igreja do Evangelho Quadrangular. A princípio tem como objetivo os moradores de rua. Logo experimenta um rápido crescimento em seu trabalho, no qual pode se perceber o impacto do cristianismo, com aumento significativo de pessoas. Com o crescimento, Dimas começa a buscar um lugar maior para suas reuniões. Surge, então, a parceria com a igreja Batista em São José dos Campos, que cede para a Associação um espaço maior e melhor. Um número cada vez maior de moradores de rua, e viciados em álcool e drogas, procura o Centro de Recuperação em busca de ajuda.

Ao ingressarem no Centro, os dependentes são atendidos em sala reservada onde são prestados os primeiros socorros, bem como serviços de higiene pessoal como banho, corte de cabelo e barba. Após esta primeira triagem os futuros recuperandos recebem atendimento médico (breve consulta e orientação), comida e roupas, e apoio espiritual por meio do ensino da Bíblia.

A partir do momento em que se oferece esperança, destaca-se o interesse em sair deste mundo de violência. O procedimento inicial era encaminhar, imediatamente, para uma Clínica que oferecesse condições mínimas de recuperação, a custo zero.

Com o crescimento do trabalho, Dimas ficou conhecido pela ação efetiva de buscar pessoas nas ruas, encaminhá-las para a casa de recuperação, atender famílias carentes, dando alimentos e apoio com bases na doutrina cristã. Tal ação

dependia de arrecadação de alimentos, arrecadados na vizinhança, nos comércios, nas igrejas, com empresários e amigos. Dimas foi bem sucedido, uma vez que a sociedade solidarizou-se com o projeto.

Dimas se destaca e por conta disto sua fama cresce e chega até a casa de uma família de suíços. A empregada doméstica desta família relata as dificuldades de Dimas realizar o trabalho, e o resultado foi a doação de um carro para facilitar seu transporte.

A Clínica entra em crise e Dimas assume a liderança da instituição que contava com 52 internos, mantida por empresários e comerciantes. Ao longo do tempo passou por crises financeira, de despejo e por fim, o prédio foi lacrado. O passo seguinte foi a doação de uma chácara, localizada em Jacareí, cujo dono, o empresário Natalício, além de oferecer a propriedade, investiu recursos em reformas e equipamentos.

A casa de recuperação “Desafio Jovem” chegou a receber muitos internos. Operando dentro das normas, com documentação necessária, recebeu apoio da sociedade. Segue-se numa trajetória de testemunhos, milagres e renovação. Após vinte e três anos de existência passaram pela clínica cerca de catorze mil alunos. A dinâmica seguia o seguinte padrão: muitos entraram, saíram, fugiram e outros que desistiam do tratamento. Outros foram até o fim, receberam tratamento adequado e completo. Estima-se, segundo Dimas, que mais de cinco mil se recuperaram, dado que ele mesmo reforça, sem comprovação. Pelas ocorrências de muitas mortes e até suicídios, informa Dimas:

[...] Houve muitos enterros, até um rapaz que havia passado pela clínica e não conseguindo se recuperar, pois muitas vezes saía e voltava, suicidando-se, (alterando a voz nesta hora, e embargando sua fala, suspira fundo, como quem lembra com profunda tristeza do caso...) Eu mesmo, já enterrei trinta e duas pessoas.

Dimas ainda ressalta que muitos internos saíram da clínica com boa perspectiva. Hoje alguns atuam em instituições religiosas como pastores, missionários. São pontos de convergência e propagação deste tipo de trabalho, e, por isso, levam para a clínica pessoas nas mais terríveis situações, igual ou pior aquela que eles mesmos estiveram.

Dimas se emociona diante desses relatos. Lágrimas interrompem por um momento, ao se lembrar das grandes dificuldades, que presenciou o fenômeno sobrenatural, em suas próprias palavras, “a intervenção Divina suprindo todas as necessidades.”

Uma experiência que aponta para a convergência entre violência e religião, é o relato que Dimas dá, de um homem negro que dizia ser “macumbeiro”, e queria ficar na clínica para tentar se livrar do vício da bebida, porém sem envolvimento com o cristianismo. Era um excelente cozinheiro. Num determinado dia, acabou o arroz e o “macumbeiro” disse: “Agora que eu quero ver seu Deus trazer arroz aqui...”. Sentindo-se desafiado, Dimas saiu em busca de doações e, de fato, foi atendido em todos os lugares em que bateu, mas, para sua surpresa, deram tudo para ele, feijão, açúcar, farinha, óleo... exceto o arroz.

Ao chegar à clínica quase de noite, o “macumbeiro” se aproximando, ajuda descarregar e nota que o mais importante, não veio, o arroz. E disse ao pastor “O Deus de vocês não tem arroz?” E insistindo: “Hein pastor cadê o arroz?” Inconformado, Dimas subiu a um monte, lugar destinado pelos internos só para oração. Com reverência, levanta as mãos e diz a Deus: “Se o Senhor é comigo, e com esta obra, eu quero ver a sua mão, O Senhor é o meu pastor.” Ao descer do monte, foi chamado para atender ao telefone, era o padre da cidade, que separara uma entrega para a clínica, Quinhentos quilos de arroz. Ao ver tal entrega, com os

olhos em lágrimas o “macumbeiro”, disse: Eu quero aceitar o Deus de vocês hoje em minha vida!

O movimento aqui é interessante, pois relata deslocamento da violência para a religião, da dependência química para a dependência no divino, da exclusão para a inclusão.

### **2.1.2. O Tratamento**

O processo de tratamento das clínicas evangélicas, em sua maioria, é padronizado. Geralmente se divide em três etapas distintas, porém interligadas. É estabelecido por um período de nove meses, no qual os internos são acompanhados vinte quatro horas por dia. Tendo um horário fixo para levantar, comer, fazer as atividades domésticas, bem como participar dos cultos e orações que faz parte do trabalho de recuperação e é obrigatório.

A casa “Desafio Jovem” tem uma intensa atividade, são quatro cultos por dia, às sete; onze; catorze e o último às dezoito, todos têm uma duração de pelo menos uma hora, sendo o último com duração de uma hora e meia. Dentro da casa existe uma série de atividades, que são distribuídas por critérios pré-definidos, os quais focam a organização geral para o bom andamento das atividades como alimentação, reuniões, higiene ambiental e serviços gerais. Entre os cento e cinquenta internos, corta-se a grama, se limpa toda a casa, fabrica-se o pão, enfim, atividades desempenhadas e que devem ser cumpridas entre os internos.

São ministrados cursos profissionalizantes, palestras, estudos de ordem religiosa, um tempo de descanso e lazer, e as primordiais refeições do dia são

servidas gratuitamente: café, almoço e jantar, exceto o lanche da tarde que é oferecido pela família do interno.

Com relação à higiene pessoal, o banho é obrigatório diariamente à todos. Entre as normas estabelecidas; não se pode beber, fumar, usar drogas e nem mesmo tomar café, por conta do impacto que a cafeína gera no corpo e na mente do dependente. O mesmo é servido somente para os que administram a clínica.

O horário das visitas acontece aos sábados, domingos e feriados, no qual a casa “Desafio Jovem” promove um culto que propõe a interação família com o interno, neste culto trabalham-se valores da família, sua importância de, a força que a mesma promove quando se está unida, vendo a família como um projeto de Deus.

No campo religioso, numa perspectiva cristã, a intenção dos cultos, além de implantar a fé como veículo que conduz a reabilitação do interno, também fortalece os laços afetivos, que na maioria dos casos foram desgastados por causa do vício. Tanto o viciado como a família, passam por um processo de sofrimento mútuo por conta da violência gerado pela química. Isto gera mágoa e distanciamento entre os parentes mais próximos. Para a Casa de recuperação, a presença da família é um mecanismo de apoio considerável para o interno, pois se torna possível medir consequências, bem como o fato de ver a família sofrer por sua causa, o leva a lutar mais pela superação do vício.

A casa de recuperação é composta por dois diretores, o espiritual, e o diretor material, uma dicotomia interessante e ao mesmo tempo estranha para os que não compreendem o aspecto religioso. A função de cada um é distinta, por isso uma denominação diferente: o diretor espiritual foca suas energias no preparo dos atos litúrgicos, no aconselhamento com base no texto sagrado, nas orações, na condução dos cultos, no ensino e nas preleções. O diretor material tem suas

atenções voltadas para a administração geral, na condução financeira dos recursos, na manutenção do ambiente, bem como das edificações, enfim na condução organizacional como um todo, sendo responsável pelo patrimônio, e pela organização de eventos na casa, como objeto de ocupação, uma espécie de terapia para trabalhar nos internos a auto-estima, promovendo atividades de leve competição, Campeonato de futebol, Gincanas, Testes bíblicos como estímulo para a leitura da Bíblia e outros.

Para as clínicas evangélicas, que são constituídas com uma estrutura religiosa, a parte denominada espiritual é composta por muita oração, palestras, estudos bíblicos e cultos que seguem uma liturgia idêntica aos cultos convencionais que ocorrem nas igrejas, hinos ou cânticos que se misturam entre os tradicionais descritos em harpas, bem como cânticos mais populares, cantados pelas igrejas neopentecostais que são elaborados pelos famosos cantores gospel.

A diferença no aspecto litúrgico é definida geralmente pela história do líder espiritual, ou presidente da casa de recuperação. Percebemos em nossas observações, junto às casas que a grande maioria tem uma pré-disposição para o fenômeno sobrenatural da fé que segue uma grande expectativa pelo milagre, com uma linha que traça maior envergadura pentecostal. Em outras palavras, os atos litúrgicos giram em torno das orações em voz alta, todos ao mesmo tempo, repetitiva movimentação corporal como cabeça, pés, o bater as mãos, e mediante a cada palavra otimista ou de forte implicação positiva, glorificações alternadas entre os comungantes. Tudo isto compõe um cenário no qual há sinais evidentes de transes coletivos, ou manifestações que fogem a uma explicação mais racional ou manifestações “sobrenaturais”, que ocorrem em suas constantes orações, segundo explicação dos internos. Acredita-se, pelo menos, neste ambiente segundo nossas

entrevistas que sempre haverá uma resposta de Deus e pela urgência e dimensão de casos graves, esta busca incessante em Deus pela cura e transformação dos internos é um evidente mecanismo utilizado nas clínicas de recuperação evangélica, onde elas, de maneira muito aberta atribuem unicamente a Deus toda ação efetiva no aspecto de desintoxicação e recuperação do interno.

Nos momentos de culto, alguns aspectos comportamentais, chamam a atenção. Autoridade e segurança são expressas por parte do que chamam de líder espiritual, ou diretor espiritual. O termo “pastor” não é utilizado, mesmo que o líder tenha esta função<sup>8</sup>.

Há um clima de envolvimento, com palmas, que tornam as melodias mais envolventes e a música mais animada e no momento da oração, percebemos pelas nossas visitas à casa, uma notável mistura de certeza e de aflição, confiança e desespero.

No momento da oração, os internos colocam seus pedidos de uma maneira audível. Estes pedidos são feitos por meio da oração, invocação contundente e acompanhada de lágrimas num momento individual na coletividade, no qual as emoções acompanham necessariamente este momento. Todos clamam a Deus pela mesma coisa, a saber, que saiam de lá recuperados e que voltem a viver, de forma diferente da qual viviam antes.

---

<sup>8</sup> O termo Pastor no contexto cristão está ligado à função de ministro religioso de uma determinada Igreja que se entende como evangélica, cujo dever é dirigir uma Igreja Local ou uma série de Igrejas, cuidando de suas necessidades espirituais, tendo suas ações estendidas a atribuições específicas como, apascentar pessoas, combater heresias doutrinárias e manter vigilância contra oposição.

### 2.1.3. Os Testemunhos

O testemunho é elemento essencial dentro do cristianismo. Este vocábulo vem, em sua etimologia, do termo latino *testimoniu*, que significa prova, vestígio, indício. No contexto cristão, o ato de testemunhar é relatar o que Deus fez, tanto por meio de sermões expositivos, quanto de exemplo pessoal, afirmando imitação de Cristo. Este termo é de uso corrente nos tribunais, onde designa a declaração que uma testemunha presta a autoridades a fim de esclarecer fatos do seu conhecimento. Jesus Cristo encarregou os seus discípulos de serem suas testemunhas até os confins do planeta. Aquele que segue a Cristo, também tem este dever.

O comportamento e as atitudes dos cristãos estão ligados diretamente a este ato de testemunhar, pois estes procedem da doutrina bíblica, ou seja, a vida do cristão deve ter compatibilidade com as palavras ensinadas por Cristo. Em outras palavras, o cristão se apresenta no cotidiano mostrando com seus atos sua ligação verdadeira com seu mestre Jesus. Neste sentido, todo cristão tem certa obrigação em viver de modo íntegro, mesmo que diferente do modelo e dos padrões de uma sociedade pós-moderna. A ética cristã é bastante rígida sendo inculcada paulatinamente no comportamento dos internos.

O testemunho faz-se necessário dentro do Centro Desafio Jovem, por conta da influência entre os internos, ou seja, os que estão em estágios mais avançados, se têm um bom testemunho, se têm comportamento compatível com as doutrinas cristãs, certamente, exercem forte influência naqueles que estão iniciando o tratamento.

O relato, por exemplo, de uma pessoa muda e surda, que pede para ser batizado num dia e que morre no outro dia pela manhã, certamente, traz impacto sobre a mente dos demais internos. Algo sobrenatural guiou esta pessoa a buscar um dos sacramentos cristãos<sup>9</sup>. Esta forte presença do caráter religioso colabora para uma mudança interior naqueles que recebem tal impacto. Há diferentes expressões do sagrado nas sociedades humanas, nas quais as práticas religiosas versam sobre a tentativa de restaurar o laço partido do ser, que se traduz em rituais, preces e atos realizados segundo padrões estabelecidos em cada cultura e época. Esta perspectiva coloca o sagrado na busca intensa do homem que procura entender tudo aquilo que o transcende (ELIADE, 1989).

O retorno e a permanência na religião têm como objetivo a busca de superar tais respostas pessoais e trazer à tona possibilidades múltiplas do sagrado e conseqüentemente do bem estar e compreensão de si mesmo. Caillois reflete que sobre a continuidade entre esses o domínio da violência e o sagrado, ambos caracterizados por uma força simbólica excepcional e, por isso, dotados de um valor que os torna não-triviais. O mal extremo termina por ser tão sagrado quanto o bem, uma vez que faz daquele que o tocou ou foi por ele tocado um ser especial. A transgressão horroriza e fascina, do mesmo modo que o sagrado (CAILLOIS, 1963, p. 48).

São testemunhos assim que geram um ambiente místico e de grande presença do divino. O sagrado age como um princípio unificador, como um estado de ser e de se relacionar com o mundo, numa perspectiva da presença do divino na

---

<sup>9</sup> O termo sacramento vem da palavra latina *sacramentum*, que significa juramento ou compromisso. Este termo era freqüentemente associado ao alistamento de soldados. Por não ser uma palavra bíblica alguns cristãos preferem usar ordenança ou mistério. Louis Berkhof diz que um sacramento é uma santa ordenança instituída por Cristo, na qual, mediante sinais perceptíveis, a graça de Deus em Cristo e os benefícios da aliança da graça são representados, selados e aplicados aos crentes, e estes, por sua vez, expressam sua fé e sua fidelidade a Deus. (1998, 570).

liturgia em geral. Ocorre, um certo, retorno ao místico, uma busca, na qual o religioso articula-se a conteúdos aparentemente de bem-estar corporal, vitalidade, desenvolvimento das potencialidades pessoais. Estes buscam a construção de um novo estilo de vida inserida em uma busca pelo holístico, no qual o indivíduo compondo sua própria religiosidade se projeta num arranjo pessoal e de intensa espiritualidade.

Outro exemplo, é o relato de um jovem, que ingressa na casa de recuperação por volta das 16h. Depois de conhecer o alojamento, as regras da casa, vai para o jantar. Em seguida participa do culto, no qual faz uma decisão radical para seguir Jesus. (“Entrega a vida para Jesus” termo utilizado para pessoas que com o gesto de levantar as mãos no apelo, aceitam a fé cristã). A conversão a Jesus Cristo é a salvação trazida pelo próprio Jesus Cristo, uma realidade que justifica o cristianismo na história da humanidade (MIRANDA, 2004 p. 10).

Assim, tal conversão é captada, entendida, experimentada, e vivida intensamente, pois a agora acontece uma grande expectativa de uma nova vida, generosa, de total dedicação a um Deus muito misericordioso. É uma conversão que afeta o cotidiano, que fundamenta a vida, ilumina os dias. No caso deste jovem, de aparência saudável, que não apresentava nenhum problema, acontece algo completamente inusitado. Após o culto, se dirige ao alojamento e começa a gritar: “Jesus está me chamando, Jesus está me chamando”. Subitamente, caiu morto às 21h.

Há casos também de muitos jovens que voltam de uma vida de criminalidade e violência. Estes que não são recuperados, numa linguagem comumente usada no centro, vivem as mais diversas e cruéis situações nas ruas, envolvidos com tráfico

ou ligados diretamente ao uso das drogas, sendo escravizados e torturados por aqueles que vivem da indústria do tráfico.

Segundo a perspectiva da própria clínica, a recuperação e reconstrução de uma nova vida para os internos só são possíveis com a interferência divina. É a presença da religião como elemento transformador e orientador.

Existem muitos outros relatos da vida de pessoas com problemas de alto risco, o caso de pessoas que foram internadas com o vírus do HIV. O Desafio Jovem conta com o apoio do posto de saúde, hoje em Ibiúna para os casos de saúde extremamente debilitada, ou com pacientes de risco. Em outras palavras, é importante salientar a presença de outros elementos que contribuem para o sucesso do trabalho.

#### **2.1.4. Estrutura**

A estrutura da casa de recuperação para dependentes de álcool e drogas é uma chácara com uma vasta área verde, espaço físico construído em boas condições de organização e de manutenção.

A parte interna da casa é bem equipada, com espaço bastante amplo, oferecendo um ambiente de muita tranquilidade e segurança. Há um bom espaço para entretenimento, com um campo de futebol, uma piscina, mesa de jogos, espaço para caminhar e trabalhar. Para o Centro de recuperação, o fator ambiente é de grande contribuição, pois entra como parte da terapia, o qual propicia ao indivíduo espaço necessário para o bem estar e reflexão sobre vários aspectos da vida. Durante toda a etapa, explora-se o que facilita o tratamento dos dependentes químicos e alcoólicos.

As pessoas que compõe o quadro de funcionários apresentaram total submissão ao presidente e pastor Dimas e demonstraram muita habilidade para se relacionar com os internos e com os problemas que os levaram para a casa. A submissão é elemento imprescindível, pois sem esta a organização seria comprometida. Além disto, a submissão auxilia como fator didático para os internos, que devem ser conduzidos em todo o tempo, sob disciplina e ordem.

O Desafio Jovem é mantido por doações e parceiros que mensalmente ajudam com alimentos, material limpeza, e dinheiro que varia muito de cada contribuinte e cada mês, a casa cobra um valor para as famílias que tem certa condição de pagar.

Para Dimas, o Desafio Jovem é um projeto que segue os princípios cristãos, tendo como regra de fé e conduta a Bíblia, e sua liturgia como prática diária e decisiva para imprimir no interior de cada interno uma resposta a indagações a respeito de sua própria identidade, em como de sua razão de existência.

Outro projeto que descreveremos abaixo servirá para estabelecermos uma relação entre dois projetos confessionais.

## **2.2. Centro de recuperação CENA: Comunidade Evangélica Nova Aurora**

“Um Monumento foi Restaurado em Benefício do maior patrimônio as pessoas excluídas”.

Missão CENA

### **2.2.1. O que é CENA**

A Comunidade Evangélica Nova Aurora, sigla CENA, é constituída de natureza filantrópica e religiosa sem fins lucrativos, por tempo indeterminado, fundada em 26 de agosto de 1991, com sede e foro na cidade de São Paulo, Estado de São Paulo, que doravante nestes Estatutos será designada CENA.

A Missão Cena está inserida no cenário urbano da exclusão e da marginalidade, cujas categorias protagonistas não reconhecem qualquer ação de bondade desinteressada, pois no cotidiano da marginalidade, um favor recebido torna-se uma dívida que em tempo oportuno será cobrada.

Uma comunidade é caracterizada por pessoas de todos os tipos, que aproxima as pessoas, desperta um sentimento de igualdade entre os seres humanos, sejam eles de qualquer grupo ou tenham eles cometido qualquer infração ou crime. “A Missão trabalha com travestis, crianças de rua, prostitutas, na favela, homens de rua, drogados e detentos”.

Alguém pode sentir-se parte da comunidade sem a necessidade de vínculos formais ou qualquer comprometimento religioso. O fato de ser humano credencia o indivíduo a fazer parte do grupo. Neste sentido, os excluídos precisam fazer parte de um grupo que resgate afeto familiar, para entenderem-se incluídos e para refletirem no valor da vida. A comunidade por ser composta de um grupo de pessoas que têm um ideal comum, que avalia as Boas Novas como um conjunto de princípios e regras que estimulam a inversão da situação de exclusão do ser humano.

A partir do pobre, a Missão Cena desenvolve uma teologia prática da inclusão. É evangélica por ter proveniência cristã protestante e por valer-se do

conteúdo bíblico como base de fé e ideologia de suas ações, reconhecendo a autoridade de Jesus Cristo expressa na Escritura.

O cristianismo propõe como solução ao problema da dependência um conjunto doutrinário baseado na palavra de Deus, na Bíblia Sagrada. Algumas destas doutrinas dão bases para ações de cooperação mútua. O cristianismo, segundo a visão e interpretação da Missão Cena é o compartilhamento dos bens, o equilíbrio e o dar ao necessitado aquilo que ele precisa (...) dividir as coisas com ele e o ter em comum. A difusão dos princípios bíblicos do evangelho de Jesus Cristo segundo a interpretação teológica reformada – conversão, salvação, pecado, perdição eterna, Bíblia como a Palavra de Deus e a prestação de assistência social e religiosa gratuita às populações carentes.

São estes os objetivos principais da Missão Cena e configuram elementos que se ajustam à sua denominação Evangélica. Por meio de uma interpretação do evangelho de Cristo, tendo como referencial a relação de Jesus com as pessoas carentes que o rodeavam e o atendimento imediato prestado as mesmas, Missão Cena entende que o evangelho, para ser vivido e anunciado genuinamente, precisa ter um alcance social elevado, expressando à práxis do próprio Jesus.

Portanto, considera o ser humano em sua complexidade emocional, espiritual e material, condizente com um conceito de cidadania moderno, que abarca liberdade, trabalho, moradia, transporte, saúde, educação, lazer, bem estar, família, cuidado e afetividade.

Embora confesse uma antropologia pessimista, isto é, uma doutrina proveniente da doutrina da queda do homem e da situação de perdição eterna de todos os seres até encontrarem a salvação em Jesus Cristo, a ponderação existe

proveniente de uma concepção elevada do amor de Deus, do valor e igualdade do ser humano para o próprio Deus que o criou à sua imagem e semelhança.

A Comunidade entende que o evangelho é a boa nova da salvação para o homem todo e para todos os homens sem qualquer distinção, principalmente de classe ou condição social, e atende esse homem em todas as suas necessidades, sem que sejam distinguidas em termos materiais, emocionais e espirituais.

Um traço marcante nos empreendimentos da Missão Cena é a expressão da liberdade, encontrada na religião, de poderem se opor ao defeituoso, à situação decepcionante, às forças contraditórias, o que denominamos esperança. Esperança de que aquilo que não é, não existe, não parece possível, pode vir a ser, pode concretizar-se, pode tornar-se realidade pelo exercício da fé. Esperança de um sonho que se realizará.

Apenas fincar pé no sonho não é suficiente e para realizá-lo é necessário superar os limites medíocres que a realidade impõe e que normalmente aceitamos como os únicos possíveis, desdenhando da fé. É necessária a imaginação capaz de prolongar tal situação real a uma transformação partindo daquilo que pode ser feito agora, mesmo que seja simplesmente um grupo de oração. É imprescindível uma utopia, o ponto de contato entre o real e o sonho, entre o terreno e o transcendente, entre a razão e a fé. Ela é o impulso da fé que nos atira para a pequena brecha pela qual podemos passar e superar a mediocridade de um cotidiano imposto por um conjunto de valores que desprezam a apreciação da beleza de uma vida resgatada da impossibilidade de ser.

Uma Nova Aurora é a utopia da Comunidade Evangélica Cena. Foi na esquina da Rua Aurora com a Rua do Triunfo – nome, por sinal, muito sugestivo para as aspirações da Missão Cena – numa borracharia, onde tudo começou.

Nivaldo Nassif, Pastor evangélico, reunia-se com membros da Igreja Batista de Vila Prudente, às sextas-feiras, por volta das vinte horas. Entre o grupo estavam prostitutas, moradores de rua, travestis, crianças e bêbados, que eram convidados a participarem de um culto cristão, onde lhes seria mostrado um caminho religioso que poderia conduzi-los para outro rumo, diferente da marginalidade e da exclusão. A transformação de vida dos marginais daria para o ambiente um aspecto renovado, uma “Nova Aurora”, um cenário de “Triunfo” para a empreitada missionária da CENA.

A utopia ainda não se tornou realidade, nem se tornará. O fato é que ela não pode ser realidade. Perto de vinte anos se passaram e a Rua Aurora e adjacências é cenário lamentável na noite do Centro Velho de São Paulo. Mulheres e travestis se prostituem, os traficantes insistem com os usuários de crack, que dão passos largos para a morte, adultos bêbados e crianças dormem nas calçadas das ruas expostos à violência.

Essas são cenas que ainda marcam a realidade da região. Por ser assim, a utopia sobrevive, e embora tenha esse tormento estarrecedor que é a realidade da rua, da marginalidade e da exclusão. O aumento dessas mazelas é o que a faz sobreviver, é o que a faz real e almejada e a torna um exercício de fé.

### **2.2.2 O que realmente importa: A vida**

“Este monumento foi restaurado em benefício do maior patrimônio da humanidade: Você”. (Epígrafe da Placa de inauguração do Clube de Esperança Nova Aurora), do pequeno salão onde funcionava uma borracharia, emprestado às sextas-feiras, no final da década de 1980, a Missão Cena se transformou em uma

entidade que conta hoje com um complexo de amplas instalações equipadas e adequadas para atender as necessidades do povo da rua e encaminhá- los para uma reintegração social completa.

O Clube de Esperança Nova Aurora é a sede da Comunidade, onde são feitos cerca de trinta mil atendimentos por ano. O Clube está instalado num prédio tombado pelo patrimônio histórico que pertenceu a Associação dos Alemães fundada em 15 de Novembro de 1890. A aquisição do prédio que parecia impossível foi um desafio financeiro e de fé para a Comunidade que precisava de mais espaço para o atendimento de seu público alvo. Vale à pena deter-nos na narrativa do processo de aquisição do prédio da Comunidade.

Daí a idéia de mandar cartas para todas as igrejas cadastradas e envolvidas com a Comunidade para angariar fundos para a compra do prédio. O cálculo aproximado do custo para remeter as cartas, foi de oitocentos reais, quantia que a Comunidade não dispunha na ocasião para este fim.

Toda atuação da Missão Cena acontecia num outro salão na Rua General Osório, onde mais ou menos cento e cinqüenta pessoas eram atendidas. Este tempo em que a principal instalação estava na Rua General Osório pode ser denominado como uma segunda fase da história da Comunidade. Nesta época o trabalho não se restringia somente aos cultos às sextas- feiras, mas um atendimento mais amplo já era oferecido pela comunidade; alimentação, banho, roupas, aconselhamento e encaminhamentos diversos etc.

Depois de dois anos alugado, por volta de 1993, veio um ultimato do dono do salão que deu trinta dias para a Comunidade sair ou comprar o imóvel. A Comunidade se mobilizou, enviou cartas para todos os mantenedores e em quinze

dias conseguiu os cem mil reais para comprar o pequeno salão. A negociação do preço permitiu uma sobra do dinheiro para a reforma de todo o local.

Mas, este ainda não era o Clube da Esperança. Foi, digamos, uma pré-experiência para o que viria depois com a intenção de compra do Clube dos Alemães. O salão da Rua General Osório, chamado de “Igrejinha” pelos moradores de rua, durante mais de uma década atendeu à demanda aumentada a cada dia, contudo depois de aproximadamente cinco anos de utilização, já estava pequeno e não suportava mais a quantidade de pessoas que procurava a comunidade diariamente.

Eram dois banheiros pequenos, uma cozinha apertada e um salão na frente, onde as crianças brincavam, onde os cultos eram celebrados e onde as pessoas faziam as refeições.

A necessidade de um novo espaço põe a comunidade em oração, que é o primeiro elemento usado pelos fiéis para a realização de um desejo proveniente da complexa utopia de Uma Nova Aurora.

Foi um documentário sobre as crianças de Rua de São Paulo transmitido na Califórnia que mexeu com as emoções de um magnata americano, descendente de japoneses, que decidiu vir para o Brasil conhecer essa realidade e ajudar a transformá-la. Paul Tatsui, um homem simples que mora no Havaí, filho de imigrantes japoneses, conseguiu uma vida financeiramente abastada nos Estados Unidos.

Natural da Califórnia, depois de juntar considerável fortuna, desfruta de sua riqueza no Havaí, onde joga golfe, aplica na bolsa de valores e participa como membro de uma igreja evangélica. Uma história de vida contada num inglês difícil de ser compreendido, depois de muitos anos no Havaí, mas que esclarece uma

experiência religiosa profunda e convicções de fé muito forte. Sua decisão de vir para o Brasil coincidiu com a viagem de volta dos Estados Unidos de uma senhora membro da Igreja Metodista Livre da Saúde.

O encontro dos dois no avião, a conversa de vizinhos de assentos, o assunto de irmãos evangélicos divididos naquelas horas de voo, teve como resultado outro encontro providencial. Paul Tatsui, ao explicar o motivo de sua viagem àquela mulher, foi convidado por ela para estar em sua igreja no domingo próximo à chegada no Brasil.

Na ocasião em que o Sr. Paul Tatsui visitou a Igreja Metodista Livre da Saúde, o Pr. Paulo Cappelletti também havia sido convidado para expor à igreja o trabalho da Comunidade Evangélica Nova Aurora. Após o culto, o Sr. Paul Tatsui aproximou-se do Pr. Paulo Cappelletti e ofereceu ajuda. Segundo o pastor presidente da Missão, o americano estava mal vestido, barbudo e não deixava transparecer em seu visual nenhuma condição de contribuir financeiramente com o projeto da compra do Clube.

A insistência do Sr. Paul Tatsui convenceu Paulo a levá-lo ao Clube. Para sua surpresa, o americano decidiu doar para a missão Cena, em dólares, o equivalente a duzentos e cinqüenta mil reais, o suficiente para a compra do prédio do Clube dos Alemães na Rua General Couto Magalhães.

A diretoria do Clube dos alemães havia recebido duas outras propostas. Uma escola havia oferecido quatrocentos mil reais e outra entidade ofereceu trezentos e cinquenta mil reais, as duas ofertas cobriam em quantias tentadoras a proposta que a Comunidade ofereceu. No momento da assembleia do Clube para a decisão da venda do prédio, qual foi à surpresa dos corretores ávidos por aceitarem a maior proposta?

O estatuto da instituição só permitia a venda ou doação daquele patrimônio caso fosse utilizado para um trabalho social na região. A única proposta que contemplava a exigência do estatuto era a da Comunidade Evangélica Nova Aurora, que foi aceita unanimemente pelos sessenta associados presentes na assembleia naquele dia. O desafio seguinte era a reforma do prédio para que todas as instalações se tornassem funcionais para o atendimento que a Comunidade gostaria de oferecer aos moradores de rua e outros excluídos que se valiam dos seus serviços.

Numa viagem à Califórnia para uma prestação de contas com outras entidades mantenedoras cujos contatos foram estabelecidos pelo pastor Nivaldo Nassif, Paulo se encontrou novamente com o Sr. Paul Tatsui que se dispôs a doar mais setenta e cinco mil dólares para a restauração e adaptação do Clube. Outros setenta e cinco mil foram doados por outras entidades dos Estados Unidos, Alemanha, Canadá, Suíça e Brasil.

A preparação do Prédio para recepcionar e tratar dos excluídos e marginalizados do centro velho da Capital paulista atendeu todos os detalhes e exigências da visão do Pr. Paulo Cappelletti. Essa realização é o início de uma terceira fase da história da Missão.

O Clube tem sua frente, voltada para a Rua General Couto de Magalhães, um espaço como um pátio, onde se estacionam carros e que as pessoas utilizam para vários fins, principalmente para esperar a vez no atendimento. Ao lado desse pátio, está instalada uma ampla cozinha industrial completa, com um balcão voltado para o hall de entrada do clube por onde as refeições são servidas. Ainda ao lado do pátio, em frente à cozinha, há um complexo de salas que são utilizadas para atendimento à saúde.

Uma sala para a assistente social, outra equipada para atendimento clínico geral, ginecológico e pediátrico e um pequeno sanitário, para uso dos profissionais voluntários. Também faz parte desse complexo um consultório odontológico muito bem equipado, onde semanalmente profissionais se revezam no atendimento gratuito à população carente.

O hall de entrada tem uma ampla porta de vidro e dá acesso aos banheiros, à quadra de esportes e uma escada para o andar, onde ficam outras salas e os escritórios da Comunidade. Este espaço, bem como todas as demais dependências do clube, tem acabamento de alta qualidade, um jardim de inverno embaixo da escada, bebedouro, mesas e cadeiras plásticas para acomodar as pessoas que aguardam o seu momento de tomar banho, receber roupas e sapatos ou outros cuidados.

Na parte mais interior um pequeno corredor dá acesso aos sanitários e banheiros dos missionários e outro corredor dá acesso para uma sala, projetada para ser um berçário. Ao lado direito do hall de entrada, e simultaneamente, ao lado da parede do berçário há um corredor onde, de um lado, estão instalados os sanitários e banheiros dos moradores de rua e do outro os armários dos homens que usam o albergue noturno.

Passando pelo hall de entrada, temos a uma ampla quadra poli esportiva que é o maior espaço do clube. Toda coberta, suas paredes com arcos decorativos são parte do patrimônio histórico da cidade e não podem ser descaracterizadas. Nos vãos dos arcos são guardados os colchões do albergue noturno. No fundo da quadra uma ampla vidraça é protegida por redes, assim como a porta que dá acesso ao hall de entrada do outro lado.

A quadra é usada de várias formas. Durante a semana, no horário da tarde, os moradores de rua usam o espaço com mesas e cadeiras plásticas para fazerem as refeições, as crianças têm escola de esportes e às sextas-feiras missionários, moradores de rua e moradores do bairro jogam futebol. Aos domingos, a igreja usa o espaço como templo para seus cultos, e todas as noites homens que moram nas ruas podem ter ali colchões, pijamas, travesseiros, lençóis e cobertores para dormirem confortavelmente.

O andar superior do clube está acima do hall de entrada, da cozinha e do complexo de salas de atendimento à saúde. Subindo as escadas deste, temos um corredor que, do lado direito dá acesso à recepção dos escritórios da administração da Comunidade. A recepção é uma sala ampla que tem armários para documentos, um sofá para os missionários descansarem e para alguma espera necessário, e também possui uma mesa de trabalho com computador para a recepcionista.

Ao lado direito da sala da recepção estão outras duas salas menores, uma para aconselhamento e outra para a contabilidade da Comunidade. No final da sala da recepção há um pequeno corredor que, do lado direito, dá acesso a dois sanitários, masculino e feminino e do lado esquerdo, há o acesso a entrada de uma pequena cozinha e uma sala de trabalho com computadores para os missionários. O corredor termina na porta de acesso à sala do presidente da Comunidade que também é utilizada para reuniões.

Do outro lado do corredor que está no final da escada do hall, temos mais três salas que são utilizadas para alfabetização, curso de informática, despensa de materiais de limpeza. Em frente essas salas há um terraço que dá vista para a Rua General Couto Magalhães. Esta é uma descrição de um dos espaços da Comunidade, o Clube de Esperança Nova Aurora. Ali são oferecidos alguns valores

àqueles seres humanos que não têm sequer acesso a ambientes para satisfazerem necessidades que são básicas ao ser humano, como comer, beber, dormir, tomar banho etc. O espaço do clube representa a dignidade que as pessoas merecem, é um espaço público, onde está representado o valor do ser humano. Não é qualquer espaço adaptado para ajeitar as situações, tudo é designado exatamente para um determinado fim, foi planejado para ser um convite à reflexão sobre a dignidade e o valor da vida.

O clube é cercado de um respeito interessante, os policiais não invadem, os moradores de rua preservam, eles mesmos não permitem desavenças lá dentro e os comerciantes ao redor contribuem mensalmente com uma quantia em dinheiro para ajudar nas despesas com a alimentação.

As lembranças acima podem ser identificadas com o processo de construção do presente e reafirmam as convicções dos missionários. O tempo presente, vivido no cotidiano do Clube, funcionando como fora planejado, determina a construção da memória do processo de aquisição como algo sobrenatural.

No imaginário da Comunidade não aconteceram coincidências, o documentário na Califórnia sobre crianças de rua do centro de São Paulo, o encontro de Paul Tatsui com a senhora membro da Igreja Metodista Livre da Saúde, o domingo naquela igreja com o presidente da Comunidade falando do sonho do Clube, o estatuto da Associação Alemã que praticamente determinou aos dirigentes do clube venderem o patrimônio para a Missão Cena, são fatos que não se apagam da memória de Paulo Cappelletti, afinal são muito significativos diante do que acontece hoje no Clube, diante das suas convicções religiosas e principalmente diante de sua atividade como missionário presidente da Comunidade.

Todos os que conhecem o processo da aquisição do Clube o concebem como um “milagre”. É um rememorar que atesta o pertencimento à organização. Por outro lado, é preciso ter uma memória permeada por eventos que transcendam o real. O milagre, a provisão divina, a ação sobrenatural devem estar presentes sempre, devem fazer parte do cotidiano, pois todo o esforço tem como fundamento a fé, a certeza plena de que Deus vai atuar e a utopia vai se realizar. Toda a leitura e significação do fato têm como ponto de partida a religião.

Dessa certeza vive o missionário, num cenário tão antagônico àquilo que na nossa concepção de sociedade, entendemos ser a “normalidade da vida”, por outro lado, na perspectiva da própria Missão Cena, a vida do próprio missionário é um produto dessa ação sobrenatural. Nos casos em que eram drogados, estavam nas ruas, envolvidos com a marginalidade e com a violência, vítimas de traumas familiares, e que saíram dessa situação, colocando-se à disposição para darem como troca o que receberam por uma intervenção sobrenatural.

Portanto, as narrativas se concretizam nas afirmações do sucesso alcançado. Elas atestam a certeza do missionário de que os fatos aconteceram e acontecem pela ação sobrenatural de Deus. As frustrações são constantes, porém, quando relembradas, suas narrativas são acompanhadas de uma esperança otimista, de que a situação haverá de ser revertida pela atuação divina.

O dia -a-dia do Clube é agitado, fica aberto todos os dias da semana e à noite até o último chegar para dormir, por volta das vinte e uma horas. Pela manhã, os missionários e voluntários que moram no clube, já bem cedo, preparam o café da manhã dos albergados, que por volta das seis horas se levantam e se preparam para saírem depois da refeição matinal. Em seguida chegam às mães carentes da

região que apanham gratuitamente dois litros de leite, duas vezes por semana para atenderem seus bebês.

A rotina continua com o preparo do almoço. Às terças e sextas-feiras são oferecidas refeições para a população de rua. Nesses dias são servidas em média duzentas pessoas. Às segundas, quartas e quintas-feiras somente os missionários e voluntários almoçam no Clube, entre vinte e vinte e cinco pessoas. A impossibilidade de oferecer refeição todos os dias, embora seja um dos objetivos do Clube, fica por conta da falta de voluntários disponíveis e recursos para a compra dos alimentos que são insuficientes.

Ainda pela manhã, alguns dos profissionais liberais atendem nos devidos consultórios. A agenda deles não segue uma constância em função da disponibilidade de horário desses profissionais e da rotatividade entre eles. Alguns se dispõem a trabalhar somente por um determinado período – um ano, seis meses – outros desistem pelas dificuldades que têm a enfrentar, como a falta de auxiliares, quantidade de pacientes e também a convivência e o contato com a marginalidade que é, de certa forma, deprimente. Enfim, uma série de motivos faz com que haja essa troca quase constante e falta de profissionais para o atendimento à saúde, contudo, o número semanal de pessoas atendidas, somando os que passam pela assistência social, é perto de cento e cinquenta. À tarde, por volta das quatorze horas, a população de rua começa a chegar para o banho e para a refeição. Somente os inscritos podem ter direito a estes benefícios. Não é possível simplesmente abrir o Clube e deixar que essa população faça o uso devido dos espaços, é preciso um controle rigoroso para que ali não se reproduzam os conflitos, intrigas e outras práticas do cotidiano da população de rua como furtos, uso de drogas e bebidas, os assédios etc. Ainda assim, apesar do controle rígido dos

missionários, desavenças acontecem. Nos dias em que se oferece esse atendimento, alguns missionários e voluntários permanecem no Clube, eles precisam estar apostos para controlar os ânimos e o tempo, para não haver brigas, desperdícios e atrasos.

Enquanto dois obreiros cuidam do banho, um na porta de cada banheiro, outros distribuem roupas e sapatos, alguns organizam a fila distribuindo as senhas, outros preparam a refeição e outros a distribuem. É uma rotina trabalhosa e fatigante, não só pela atividade física, mas principalmente pelas emoções afetadas, pois vários dos atendidos estão no ápice de sua embriaguez e tornam-se pessoas difíceis de serem controladas e convencidas a esperarem, além de violentas física e verbalmente.

Assim, a tensão é constante durante o tempo em que estão ali, relações tensas, semeadas com violência. Para os mais novatos esse clima é mais prejudicial, para aqueles que já estão na atividade há muito tempo, essa tensão é menos desgastante, embora ela exista. Todos os dias os missionários atuam em seus devidos ministérios – assim são denominadas as áreas preferenciais de cada um. À tarde eles saem pelas ruas para conversarem com travestis, prostitutas, realizarem cultos nas cadeias, favelas e cortiços, onde atendem às crianças, coordenando brincadeiras e oferecendo ensino bíblico.

É também nesse tipo de trabalho de campo que se encontram pessoas com certa disposição a mudarem de vida, contudo a fadiga emocional é ainda maior. À noite chega, hora do descanso, mas não para os missionários e voluntários. Dá-se início à preparação das camas para os albergados. Eles abrem todos os armários, que são numerados, correspondendo a cada um dos usuários. Os colchões são colocados na quadra, numa disposição ordenada por números correspondentes aos

armários. Depois de forrá-los com lençóis são colocados os cobertores e os travesseiros, tudo numerado para que não haja trocas e cada um use o seu próprio leito todas as noites.

O espaço fica disponibilizado a partir das dezenove horas, quando começam a chegar os homens. Todos são maiores de idade, este item faz parte de um conjunto de regras que regem o uso do espaço e a lei não permite que menores durmam em albergues. Além da idade, outras normas devem ser cumpridas. Não chegar bêbado é uma delas, porém parece ser a mais difícil de ser cumprida. Sendo assim, há uma tolerância para certo grau de embriaguez, algo que um bom banho cure, caso contrário o albergue ficaria praticamente vazio. Não faltar durante três noites consecutivas é uma outra exigência, a demanda é grande, muitos ficam na porta esperando uma vaga, portanto, caso aconteçam três faltas, a vaga será disponibilizada para outro. Não chegar depois das vinte e uma horas e trinta minutos, pois os missionários e voluntários precisam dormir e descansar para a lida do dia seguinte, embora isso seja muito difícil para quem fica responsável pela noite.

Cumpridas as regras, tudo pronto, um chá e pão com manteiga são servidos, uma breve palavra de orientação e evangelização do missionário responsável pela noite é dada e todos vão para seus aposentos. Cada noite da semana um missionário homem da Comunidade é responsável pelo albergue e fica para dormir no Clube. No momento em que chegam os necessitados, percebe-se estampado em suas faces a vida sofrida, a tristeza da falta de companheirismo, e a desconfiança de tudo. São vidas machucadas por um cotidiano muito distante do nosso, difícil de imaginar sem que se ponha a ouvi-los, sem que se tenha compaixão. Depois de um banho e à espera da refeição, um momento de descontração, conversas, piadas, brincadeiras, pequenas intrigas... E o sono.

### **2.2.3 Uma grande esperança: Fazenda Nova Aurora**

Além do Clube, outro espaço oferecido pela Comunidade é a Fazenda Nova Aurora, em Jequitibá. São trinta e quatro alqueires que pertenciam a dois irmãos alemães, sendo que um deles residia no Brasil.

São os senhores Fred Pasher e Paul Hans Pasher. Convencidos de que fariam uma doação de sua fazenda para alguém que a utilizasse para um fim social e religioso, doaram a propriedade para uma Missão alemã chamada Maybe que juntamente com a Aliance e Mission – com a qual os dois irmãos donos da fazenda tinham maior envolvimento – indicou a Missão Cena para fazer uso do espaço.

Nesse tempo, início da década de noventa, a Maybe fez então um comodato de noventa e nove anos para uso da fazenda pela Missão Cena, contudo, avaliando a seriedade do trabalho da Comunidade e percebendo que os fins objetivados pelos irmãos doadores estão sendo alcançados, entendeu que seria melhor que a doação fosse diretamente para a Comunidade Evangélica Nova Aurora.

Uma vez que todos concordaram, a regularização da posse pela Missão Cena está sendo encaminhada por um advogado da Comunidade. A Fazenda Nova Aurora é um lugar muito agradável e diferente para quem está acostumado com o centro antigo da metrópole. Lá, o contato com a natureza convida à reflexão por expor um cenário bucólico com um belo lago, pomar, horta, árvores, montanhas e animais, que, ao contrário do burburinho da cidade, oferece tranquilidade e um clima de paz.

A propriedade conta hoje com cinco casas, uma para as crianças, uma para as mulheres, uma para os homens, uma para o missionário administrador e uma casa coletiva, onde são feitas as refeições, com sala de televisão e alguns quartos

que são oferecidos para missionários e visitantes. Também uma capela faz parte desse complexo da Comunidade para onde são encaminhadas pessoas convencidas pelas circunstâncias que envolvem suas vidas e pelos apelos dos missionários que com elas convivem, decidem se libertar da dependência química.

Elas permanecem ali durante o tempo necessário para se desintoxicarem e receberem um aprendizado religioso que tem por objetivo a regeneração e também a conversão.

Segundo a metodologia e a teologia adotadas pela Comunidade, embora seja possível para o indivíduo se recuperar sem que haja a necessidade da mudança de religião ou do envolvimento com o cristianismo evangélico até a conversão, essa seria uma mudança passageira, de solução parcial para os impasses e problemas restritos ao âmbito terreno. Não havendo conversão, a vida mantém-se desprovida de benefícios dos quais somente os salvos desfrutam, além de estar mais vulnerável às investidas do mal, e a eternidade, após a morte, fica comprometida com a perdição.

Embora o ambiente todo seja preparado estrategicamente para esse fim, a música, a capela, a linguagem dos missionários, a rotina de estudo bíblicos, os versículos bíblicos espalhados em vários lugares, desde a entrada da fazenda, ainda assim, existe a possibilidade e a liberdade para que não haja conversão. Embora isso implique em certa frustração e esperança ao mesmo tempo.

Algumas pessoas que vão para lá não ficam até terminar o processo, ou seja, até que seja perceptível que a necessidade das drogas não existe mais, o que requer um tempo de um ano e meio a dois anos. Esse é um dado que também causa frustração ainda maior. É o investimento numa pessoa sem ter resultados.

O retorno tão esperado, pelo qual se dedicou tempo e vida, não vem. Contudo é uma realidade com a qual os missionários, principalmente os que estão lá no dia-a-dia da fazenda, convivem e que deve ser considerada com seriedade e cuidado.

O prazer e o contentamento de ver a pessoa chegando, expressando certa determinação de se recuperar, demonstrando a esperança de que sua necessidade de afetividade haverá de ser suprida, é diretamente proporcional à desilusão experimentada quando se vai embora sem dizer sequer um adeus. É preciso estar preparado para esse tipo de situação, sem que haja a disposição de uma cauterização do coração.

Alguns só conseguem ficar depois da segunda ou da terceira tentativas. Ao voltarem para as ruas e experimentarem novamente o cotidiano da marginalidade, revivem as privações, a dependência das drogas e do álcool, experimentam novamente a presença da violência e a proximidade da morte. Entretanto, podem repensar, refletir, pelo referencial de um ambiente avesso àquele, [rememorando](#) a oportunidade que tiveram e sentem que deveriam voltar.

A vergonha é um impedimento forte, mas as drogas são muito mais eficazes nesse sentido. Vários viciados que estão na “Boca do Lixo” e se valem dos serviços do Clube hoje, já estiveram na fazenda, ou já estiveram muito perto de ir, porém voltaram atrás, não tiveram a firmeza necessária para vencerem as drogas.

Para uma parte considerável dos internos a primeira impressão que se tem da fazenda é muito negativa. O comportamento já mudado de algumas pessoas é estranho àqueles que chegam.

A vida em comunidade pouco ou nunca experimentada antes tende a transparecer certa inocência e “basbaquice”. A grande dúvida que paira nesse momento é a seguinte: como essas pessoas, depois de passarem por experiências

na marginalidade, na prostituição, nas drogas, nas ruas, depois de viverem emoções profundas de medo, de prazer, de êxtases podem agora sorrir, brincar, se tratarem bem, se divertirem e terem prazer participando de atividades tão simples e primárias como as gincanas, cultos, estudos, trabalho na horta e nas oficinas? Nesse primeiro momento aparentemente o ambiente é de extremada incoerência para os perfis de seus sujeitos.

Na fazenda a disciplina, o cotidiano e o tratamento psicológico em determinados casos – quando há esse respaldo profissional disponível – são lidos como muito repressores para quem tinha uma vida “livre” nas ruas, descomprometida com qualquer tipo de responsabilidade. Apesar de todos serem livres para sair a qualquer momento – afinal uma das prerrogativas para que alguém se liberte de dependência química é a vontade própria – a abstinência exigida, o cumprimento de horários e atividades, a exigência da leitura e reflexão, são exercícios com os quais essas pessoas não estavam acostumadas, enquadrar-se a eles requer, já no início, uma grande vontade de se recuperar.

“Os três primeiros meses são os piores de adaptação. Esses três meses você tem essa luta, mas ao mesmo tempo você tem também a luta de se adaptar na casa, porque você não é uma pessoa que obedece, você não é uma pessoa que tem alguém acima de você, você nunca acostumou com isso, então é meio complicado, quando uma pessoa que manda em você, falar alguma coisa pra você, você quer debater com ela, porque no mundo é assim, no mundo ninguém manda em ninguém, cada um faz sua teoria, cada um quer ser dono de si mesmo, ou seja, qualquer um quer ser o seu deus, eu quero mandar em mim. Então eu tinha isso comigo também, até eu acostumar. Vinha as lutas das drogas, então o que eu fazia, era difícil, mas eu orava, buscava a Deus, as lutas são constantes, é difícil, mas é

aquele negócio, tem que pôr um objetivo na sua vida, senão “vou ficar um tempo se der eu largo”, não, “eu vou parar já”, você vai e persevera. É uma luta constante, não é fácil não, é difícil.” (depoimento de um ex-interno...).

Contudo há de se acentuar que a abstinência é o fator preponderante na promoção de muito sofrimento e angústia nos primeiros meses. É necessário muita determinação para superar a exigência que o organismo dependente faz da droga, algo que os viciados quase não têm. O apego à religião é o remédio oferecido. Convencer o dependente de que oração, leitura bíblica, participação nas reuniões e cultos formam um caminho alternativo à dependência química, é o meio utilizado pela Comunidade.

Viver na fazenda é se submeter ao aprendizado ou reaprendizado da disciplina. Um dos efeitos nocivos para a pessoa viciada em drogas é a perda da disciplina. A dependência faz com que o indivíduo direcione toda a sua atenção para a obtenção e uso da droga, gerando o descompromisso com qualquer outra atividade, horários, pessoas, família, alimentação, descanso, saúde, enfim total falta de disciplina. Portanto, não só a dependência precisa ser curada, mas suas seqüelas e implicações sendo uma delas a indisciplina.

O alcoolismo é um caminho quase sem volta para a perda da família. As relações entre os membros são comprometidas quando um pai de família se deixa levar totalmente pelo vício. Os prejuízos financeiros e emocionais que a esposa e os filhos sofrem são frutos da indisciplina do viciado e redundam numa insatisfação completa de ter o alcoólatra sob o mesmo teto. Essa convivência tem um limite e o momento da separação é inevitável. Nessa hora a rua é um paradeiro quase certo para o alcoólatra rejeitado pela família.

O adolescente viciado em crack também é vítima da total falta de disciplina. Roubo, mendicância, sexo sem qualquer prevenção, tornam-se parte de um cotidiano desprovido de responsabilidades. A falta de cuidado, consideração e demonstração de carinho e amor para as pessoas mais próximas demonstram o nível de descaracterização do ser humano e sua rejeição por padrões sociais provocados pela dependência das drogas. O trabalho que seria algo importante, segundo os padrões de um cotidiano normatizado socialmente, deixa de ser uma prioridade para o viciado.

A disciplina do cumprimento de horário e das atividades profissionais não estará mais ao alcance de um usuário de drogas. Por mais tempo que se consiga conjugar o vício com a rotina de trabalho, chegará o momento em que a batalha será perdida para as drogas. O dinheiro ganho em um determinado momento parece ser suficiente para o resto da vida e então se abre mão da disciplina perdendo o espaço social conquistado pela capacidade profissional e pela habilidade natural de controlar impulsos.

Para recuperarem-se essas características humanas tão essenciais na configuração social do mundo contemporâneo, o dia-a-dia da fazenda em Jujutiba é composto de uma agenda rigorosa. Os internos e missionários acordam cedo e se entregam a uma rotina de trabalho no campo, no cuidado com as diversas dependências da fazenda, cultos, estudos bíblicos e leituras direcionadas à religiosidade, a fim de que o tempo seja empregado de forma que as marcas, crises e o cotidiano dos dias passados sejam superados por um redirecionamento da mente e do corpo para outras atividades coletivas e produtivas. O perfil psíquico e a personalidade vão sendo moldados pelo discurso religioso e pelo trabalho,

objetivando a reinserção social e o reajuste familiar de pessoas que vivem mergulhadas no cotidiano da exclusão.

A partir desse universo religioso, que se torna um referencial inspirativo, é possível fazer uma releitura da memória individual considerando essa coletividade e identificando-se com o grupo, com suas ideias e práticas que passam a ser significativas para se acreditar na possibilidade de transformação da realidade e buscá-la.

## **CAPÍTULO 3 – A religião e o processo de recuperação**

A espiritualidade tem sido considerada desde muito tempo como tendo importância central no tratamento, na recuperação de drogas. O programa cristão de ajuda tem a recuperação baseada nos princípios bíblicos que se concentra na espiritualidade, enfatizando a confiança em um “Poder Superior” e a prática da oração e da meditação para promover uma experiência religiosa e um “contato consciente com Deus”.

### **3.1. Re(ligar)**

A Religião tem sido caracterizada como um fenômeno social, definido por limites particulares como crença, prática de preceitos estipulados e congregação social.

O termo Religião vem do latim *religare*, literalmente, o ato de religar do ser terreno com o ser divino. A religião é um conjunto de sistemas culturais e de crenças, mas também as visões do cosmos, o qual estabelece símbolos que relacionam a humanidade com a espiritualidade e os valores morais. Neste sentido, religiões têm suas narrativas, seus símbolos, suas tradições e suas histórias sagradas. Estes se destinam a dar real sentido da vida, bem como dar explicação da sua origem e do universo. Normalmente, das religiões vem a tendência da moralidade, da ética, das leis religiosas. A religião estabelece sobre estas bases um estilo de vida que norteia a vivência.

O termo *religião* é muitas vezes usado como sinônimo de fé ou sistema de crença. As religiões se manifestam organizadas, com suas hierarquias, adesão ou

filiação, congregações de leigos, cultos e reuniões, cujo objetivo é a veneração de uma divindade ou para a oração, templos e escrituras sagradas. Em sua prática cotidiana incluir sermões ou palestras, comemorações, sacrifícios, festas, transe, iniciações, de serviços funerais a matrimoniais, meditação, música, arte, dança etc.

Para Durkheim a religião separa o mundo em dois polos distintos que estão em constante relação, ou seja, o Sagrado e o Profano. A divisão do mundo em dois domínios compreendendo, um tudo o que é sagrado, outro tudo que é profano, tal é o traço distintivo do pensamento religioso; as crenças, os mitos, os gnomos, as lendas são ou representações ou sistemas de representações que exprimem a natureza das coisas sagradas, as virtudes e os poderes que lhe são atribuídos, sua história, suas relações entre si e com as coisas profanas. Em sua perspectiva, por coisas sagradas não devemos entender simplesmente estes seres pessoais que chamamos deuses ou espíritos: um rochedo, uma árvore, uma fonte, uma pedra, uma peça de madeira, uma casa, enfim qualquer coisa pode ser sagrada. Um rito pode ter este caráter, sequer existe rito que não o tenha em algum grau (DURKHEIM, 2003, p. 19-20).

A religiosidade e a espiritualidade seguem presentes na sociedade desde que o ser humano se compreende como ser gregário, inserido num ethos. A busca pelo sagrado, a crença no sobrenatural e a reflexão sobre seres superiores é uma característica trazida pelo desejo de poder das individualidades.

Uma noção tida geralmente como característica de tudo o que é religioso é a de sobrenatural. Entende-se por isso toda ordem de coisas que ultrapassa o alcance de nosso entendimento; o sobrenatural é o mundo do mistério, do incognoscível, do incompreensível. A religião, seria, portanto, uma espécie de especulação sobre tudo o que escapa à ciência e, de maneira mais geral, ao pensamento claro. (DURKHEIM, 2003, p. 5).

Dentro desta perspectiva, há o caráter do mistério, cuja implicação direta é a necessidade de explicação, a qual colabora na compreensão do ser. Há também, a

possibilidade da superação das dificuldades das mais diversas naturezas graças a conjunto de valores religiosos que trabalham no interior do ser, fortalecendo a subjetividade.

Na recuperação do drogado, são estes valores que auxiliam no tratamento para o abandono da dependência química. Dentro das grandes religiões, o cristianismo se destaca no uso da religiosidade nesse tipo de ação, na implementação destes programas de recuperação, realizando tratamentos de reabilitação baseados nos valores da fé cristã.

A religião se apresenta relevante neste campo da subjetividade, pois não somente opera no sentido de remediar viciados, mas de potencializar estes valores. Jovens que participam dos cultos professam uma fé, um diferencial no processo, pois dá sustentação para a inclusão social.

### **3.2. Re(sociabilizar)**

A recuperação trabalha nesta dinâmica de excluir e incluir. A exclusão se dá no processo da retirada do indivíduo para tratamento de sua dependência. A inclusão é ato de ressocializar, e esse alvo deve ser buscado, levando em conta a existência de programas que são disponibilizados para cumprir o objetivo socializador:

Não se pode atribuir às disciplinas penais a responsabilidade exclusiva de conseguir a completa *ressocialização* do delinquente, ignorando a existência de outros programas e meios de controle social de que o Estado e a sociedade devem dispor com o objetivo ressocializador, como são a família, a escola, a Igreja etc. A *readaptação social* abrange uma problemática que transcende os aspectos puramente penal e penitenciário. (BITENCOURT, 2008, p. 123-4).

A igreja cristã, neste sentido, se apresenta para cumprir este papel, não somente religioso, mas também social. Mesmo que a religião tenha esta faceta de elemento misterioso, age com eficácia como agente restaurador e curador de parte da doença social.

Os Valores Cristãos ajudam a recuperar dependentes químicos, pois assume a missão da ação de recuperar e reintegrar ao convívio social. A partir destes valores e também do uso de terapias ocupacionais, os centros cristãos de recuperação utilizam a Bíblia como base destes valores. Embora não utilize técnicas modernas de suporte e alta complexidade na terapêutica adotada, tais centros têm se destacado em sua meta.

Na ressocialização pode ocorrer a reincidência de pacientes que, após retorno ao convívio familiar, recaem nos vícios praticados anteriormente. O dependente químico deve querer fazer parte de um ambiente com normas de conduta pré-estabelecidas, que não podem ser desconsideradas. A família deve envolver-se no processo, e se manter em comum acordo e ser parte favorável e integrante na recuperação.

Há de se destacar que o usuário de drogas não é, necessariamente, uma pessoa violenta, má, ou aterrorizante, porém pode se tratar de um sujeito que se criminalizou, iniciando-se no ambiente criminal. Tal inserção nesta nova dimensão, por meio de ritos de passagem, inclui a utilização de certas substâncias, as quais, em muitos casos, usa-se drogas lícitas ou ilícitas, como mais um elemento do cenário comum.

O dependente, outras vezes, pode atuar como coadjuvante ou cúmplice dos atos infracionais cometidos. O processo ressocialização implica uma mudança significativa desta maneira de pensar e no comportamento do que está envolvido. A

ressocialização jamais caminha no sentido de cortar radicalmente as aprendizagens e vivências anteriores. O alvo é proporcionar subsídios que levem à aquisição de novas experiências, de modo que o indivíduo adquira valores, possivelmente, diferente daqueles os quais estava habituado anteriormente. Estes têm a função de ensinar a viver socialmente, tendo como parâmetros esta nova condição que alcançou.

### **3.3. Re(conhecer)**

A religião é ajuda na recuperação? Com base na breve pesquisa destes centros de recuperação, pode-se redescobrir como a força extraordinária dos valores religiosos, também age como força instrumental para a compreensão da realidade da pessoa do drogado, destacando a sua dignidade, dando motivação e facilitando sua tomada de consciência de que é possível alcançar e superar.

O psicólogo Marcelo Vial Roehe ressalta que a manifestação da religiosidade compõe um fator determinante no processo de recuperação de dependentes químicos, sendo esta um requisito fundamental para a cura utilizada, sobretudo, em grupos de auto-ajuda, tais como os de narcóticos e alcoólicos anônimos (2004, p.399).

Como tal experiência colabora? A religião eleva o ser ao Ser que o transcende, leva-o a experiência com Deus. No processo da recuperação, no campo religiosos, é imprescindível restabelecer a confiança do indivíduo, levá-lo a conhecer o Deus que se faz presente na história, que se deu a conhecer em sua imanência por palavras, gestos reais de graça e misericórdia. O verdadeiro Evangelho de Jesus Cristo revela isto.

O método utilizado pelo cristianismo, na recuperação do drogado, está fundamentado em valores religiosos. As sagradas Escrituras são estabelecidas como princípio fundante da instituição. Jesus Cristo é o ponto alto da metodologia. O logos encarnado é o ápice do Método. O conteúdo eficaz do cristianismo propõe valorização da vida humana, desperta a compaixão para com os necessitados, imprime respeito devido à instituição familiar, induz a uma comunhão verdadeira entre os fiéis, elementos que certamente causam impacto sobre a humanidade.

Os princípios cristãos contemplam liberdade, a igualdade, a fraternidade, princípios que são postos como fundamento e que fornecem e inspiram o indivíduo a agir de modo a cooperar para o bem estar das diversas relações, do indivíduo consigo mesmo, com o outro, com o meio ambiente e com Deus. (TEIXEIRA, 1991).

Os ensinamentos cristãos são fundamentais para incluir este indivíduo que sofre e gera violência. O cristianismo propõe uma nova vida, a qual é marcada por novos comportamentos. A implicação direta disto é que, caso os valores reinantes na sociedade sejam contrários ao que a Bíblia ensina, os que estão nesta nova vida optam por cumprir esses em detrimento daqueles. O impacto é gigantesco, pois agora, seguir a Jesus Cristo, Seu exemplo, Sua doutrina, torna estes novos indivíduos em poderosos transformadores de uma sociedade corrupta, desigual e indiferente.

A base de atuação do conteúdo cristão contempla o resgate da auto-estima destes, que lidam com conflitos familiares e têm um histórico de vida com muitos traumas. Tais indivíduos recebem o que necessitam, a saber, a valorização pessoal a partir dos preceitos cristãos, nos quais tal conduta se concretiza com palestras cristãs que vão além da evangelização, pois colocam à disposição o compartilhamento de experiências e o inteiro respeito à história de vida.

### 3.3.1. Consciência

O uso de drogas proporciona sensações que agem de tal forma no dependente, que seu comportamento o leva a consumi-las a todo e qualquer custo. O professor Richard Emil Bucher aprofunda perspectiva considerando que a busca pela substância movimenta o dependente, não só na dimensão de um prazer individual, mas na busca de uma alternativa para os sentimentos de solidão, sofrimento e vazio emocional (1988).

O indivíduo que é dependente químico sofre uma distorção na formação no campo da identidade. Isto gera uma percepção de estar incompleto, o que leva a um estado de indiferença com as coisas anteriores. A formação do eu adulto fica danificada, o que amplia a dificuldade de consciência e o leva a oscilar entre um auto-reconhecimento e a ruptura de si (BERGERET, 1991). A implicação é a tentativa em construir uma personalidade por meio de substitutos, modelos que poderiam projetar um sentimento de estar completo.

A religião propõe, como uma de suas funções primordiais, o religar o ser a si mesmo, na verdade, uma recuperação do ego. Jung propõe que durante situações de embate ou desajustes emocionais severos, a harmonia entre as instâncias (ego e inconsciente) só poderia ser promovida através do uso dos símbolos religiosos que impediriam o aniquilamento do ego (1997). Por isso, o cristianismo propõe elemento fundamental, a fé. Deve-se levar em conta que a crença religiosa proporciona experiências significativas.

Os centros de recuperação trabalham numa conscientização pareada à desintoxicação. Mais que isto, na experiência religiosa, propõe o abandono de crenças erradas com respeito à dependência. Segue adiante, na tomada de decisão,

envolvendo a avaliação de recompensas e perdas. O objetivo é a mudança comportamental, fruto de todo o processo.

O indivíduo que está dependente das drogas, em muitos casos, não assimila a dura realidade de que não terá mais o efeito que a droga lhe proporcionava anteriormente. É difícil colocar substitutos. Tal busca não é norteada pela transformação, mas pela substituição. O perigo é colocar um objeto que se possa viciar de modo igual.

A tomada de consciência segue no sentido de propor uma adesão a uma crença, que oferece alguma vantagem no processo de recuperação. Essas crenças surgem como um forte agente facilitador no processo de recuperação.

A religião tem um papel positivo na formação da personalidade do indivíduo e na sociedade como um todo. No tratamento de drogados, este sistema cristão é inserido de maneira proveitosa. É certo que há a dependência de vários fatores que possam validar tal transformação.

### **3.3.2. Disciplina**

O cristianismo auxilia no processo de recuperação de dependentes de drogas uma vez que coloca em sua agenda o aumento do otimismo, a consciência do suporte social e encaminha para diminuição dos níveis de ansiedade.

O que o cristianismo faz é utilizar a fé como recurso terapêutico, pois conduz a forma de contato direto com Deus como centro da identificação do ser. A oração é o veículo, mas também o ato que gera sensações. Neste sentido, a fé cria uma qualidade de vida, na qual o bem-estar e o conforto se fazem presentes por

acreditarem e confiarem em Deus, esses sentimentos leva-os ao afastamento natural das drogas.

A religião cristã promove a abstinência do consumo de drogas e oferece recursos sociais de reestruturação. O respeito é elemento primordial no tratamento, pois auxilia na auto-estima e reinserção social. Porém, no processo e desenvolvimento de recuperação, o dependente deve entender que o sucesso passa pela disciplina.

Foucault discorrendo sobre disciplina afirma que:

Diferentes da escravidão, pois não se fundamentam numa relação de apropriação dos corpos; é até a elegância da disciplina dispensar essa relação custosa e violenta obtendo efeitos de utilidade pelo menos igualmente grandes. Diferentes também da domesticidade, que é uma relação de dominação constante, global, maciça, não analítica, ilimitada e estabelecida sob a forma da vontade singular do patrão, seu "capricho". Diferentes da vassalagem que é uma relação de submissão altamente codificada, mas longínqua e que se realiza menos sobre as operações do corpo que sobre os produtos do trabalho e as marcas rituais da obediência. Diferentes ainda do ascetismo e das "disciplinas" de tipo monástico, que têm por função realizar renúncias mais do que aumentos de utilidade e que, se implicam em obediência a outrem, têm como fim principal um aumento do domínio de cada um sobre seu próprio corpo (p. 118).

O alvo da disciplina é gerar mecanismo, e a obediência e a utilidade desses capacitam o indivíduo a ter controle sobre seu próprio corpo, de modo que este tem poder sobre si, seus gestos e seu comportamento. Forma na pessoa domínio sobre o próprio corpo e aumenta a força do ser. A força da religião na disciplina:

As comunidades monásticas haviam sem dúvida sugerido seu modelo estrito. Ele se difundiria rapidamente. Seus três grandes processos - estabelecer as cesuras, obrigar a ocupações determinadas, regulamentar os ciclos de repetição - muito cedo foram encontrados nos colégios, nas oficinas, nos hospitais. Dentro dos antigos esquemas, as novas disciplinas não tiveram dificuldade para se abrigar; as casas de educação e os estabelecimentos de assistência prolongavam a vida e a regularidade dos conventos de que muitas vezes eram anexos. O rigor do tempo industrial guardou durante muito tempo uma postura religiosa; no século XVII, o

regulamento das grandes manufaturas precisava os exercícios que deviam escandir o trabalho: Todas as pessoas..., chegando a seu ofício de manhã, antes de trabalhar começarão lavando as mãos, oferecerão seu trabalho a Deus, farão o sinal da cruz e começarão a trabalhar".(20). (Foucault, p. 127).

Foucault segue refletindo que durante séculos, as ordens religiosas foram mestras de disciplinas: eram os especialistas do tempo, grandes técnicos do ritmo e das atividades regulares. Mas esses processos de regularização temporal que elas herdaram, as disciplinas os modificam.

No bom emprego do corpo, que permite um bom emprego do tempo, nada deve ficar ocioso ou inútil: tudo deve ser chamado a formar o suporte do ato requerido. Um corpo bem disciplinado forma o contexto de realização do mínimo gesto. Uma boa caligrafia, por exemplo, supõe uma ginástica - uma rotina cujo rigoroso código abrange o corpo por inteiro, da ponta do pé à extremidade do indicador. (Foucault, p.129).

### **3.4. Re(familiarizar)**

A família é o centro de estabilidade social e, por isto, extremamente importante no tratamento do dependente químico. Neste sentido, a família também deve ser preparada no processo de religar o dependente à sociedade, pois quando incluídas no tratamento aceleram a recuperação do indivíduo.

#### **3.4.1. Família e violência**

A história da violência está estritamente vinculada com os primórdios da humanidade e ambas se confundem. A violência no âmbito familiar apresenta possibilidades e características intermináveis, uma vez que se trata de complexidade de uma instituição milenar.

A questão da violência familiar está vinculada diretamente ao envolvimento emocional e afetivo. As causas e consequências da violência familiar se dão por conta da presença excessiva ou ausência destes elementos.

A violência, antes, não era contestada, como por exemplo, o pai que espanca o filho, a mulher que sofre ataques físicos do marido. Agora, tudo mudou. O que, antigamente, era apontado como medida educativa, agora pode entrar na categoria de violência.

A sociedade sempre se apresentou como patriarcal. O poder da família é inerente a idéia do pai como patriarca, pois sempre foi o personagem forte.

Os maus tratos e violência que partiam dele eram aceitos e condizente com sua função social. O que era natural passa a ser estranho e por isso faz-se necessário o combate à violência, principalmente, para os que sofrem seu impacto.

Há alguns elementos que interferem diretamente nas relações familiares e que estão ligadas à violência, como desemprego e dura realidade, e que determinam comportamento daqueles inseridos no meio social.

A prevenção da violência familiar está diretamente ligada à assistência que se dá para as famílias e o acesso que têm a bens e serviços. Jamais a violência deve ser banalizada.

Outra causa pode ser conferida à desigualdade social, a qual, muitas vezes, também é a causa da desigualdade no tratamento e relação das pessoas. Os fatores envolvidos nesta questão são complexos, sendo responsabilidade de todos identificar e prevenir tais ações.

### **3.4.2. Famílias de dependentes químicos**

O uso de droga afeta o dependente e sua família, pois são co-dependentes. A intervenção familiar, nos programas de tratamento em dependência química, produz forte impacto no resultado final e na recolocação social do indivíduo.

A família proporciona um ambiente que mantém o equilíbrio dinâmico entre o uso de substâncias e o funcionamento familiar, pois o dependente químico exerce uma importante função na família, porque nela encontra sua identidade, sua razão de ser e seu conforto.

O comportamento é apreendido e mantido num sistema de reforço nas interações familiares. O objetivo é a mudança de comportamento das interações familiares que servem de estímulo para o abandono do consumo nocivo de drogas ou desencadeadores de recaídas. Essa ação melhora a comunicação familiar, potencializa a habilidade de resolver problemas e fortalece estratégias de enfrentamento que estimulam a sobriedade.

O afeto e o comportamento devem ser fortalecidos para a superação do preconceito que a família tem a cerca da dependência química. O caminho é reestruturar conhecimento do problema e da identidade do ser, para dar a família estratégias para que possa perceber e responder as situações de forma efetiva.

A família sofre grande impacto com o uso de drogas por um de seus membros que, progressivamente, passa a viver sob a influência das drogas. Quando a família tem ciência da questão, logo vem a tensão e desentendimento e a consequência é que as pessoas fecham o canal de comunicação sobre o que realmente pensam e sentem a respeito desta violência.

Na seqüência do problema, a família logo mostra preocupação com a questão. A reação imediata é querer controlar o uso da droga, suas conseqüências emocionais, físicas, no campo do trabalho e no convívio social.

Algo muito ruim é o clima de segredo familiar que se instaura numa dinâmica de mentiras e cumplicidades. A regra passa a ser o jamais falar do assunto. É a ilusão de que as drogas não estão causando nenhum problema na família. O resultado é a desorganização na família. Os membros se vestem de papéis rígidos, previsíveis, os quais servem de facilitadores e ao mesmo tempo de enganadores da consciência. O problema é que a família acaba por assumir uma responsabilidade de ato que não lhe pertence, e assim o dependente químico perde a grande oportunidade em perceber as terríveis conseqüências do abuso das drogas. Pode acontecer uma inversão de papéis, por exemplo, determinada esposa que assume as responsabilidades do lar por conta do marido drogado.

Então vem a exaustão emocional, que traz graves distúrbios de comportamento e de saúde em todos os membros da família. Essa situação se torna insustentável e insuportável, o que leva ao distanciamento entre os membros produzindo uma enorme desestruturação familiar.

Temos aqui uma evolução do impacto das substâncias. Há a tendência da família se sentir culpada, envergonhada e pesada por estar passando por tal situação. Por conta destes sentimentos, a família demora a admitir a séria questão, demora em procurar ajuda externa e profissional, o que pode acelerar e agravar a situação, trazendo um quadro ainda mais complicado.

### **3.4.3. Família: instituição primordial**

A família é instituição estabelecida desde os primórdios como elemento unificador e base da sociedade. A família produz cuidados, proteção, aprendizado de afetos, construção de identidades e vínculos relacionais efetivos. A família é capaz de promover melhor qualidade de vida a seus membros. Ela promove inclusão social e pode ou não ser fortalecedora de possibilidades e potencialidades.

A família contemporânea deve ser vista em sua perspectiva de função socializadora e também deve ser convocada a exercer autoridade e definir limites. Esta função socializadora é disciplinar e menos permissiva no desenvolvimento de crianças e adolescentes. Isto, para que se tenha uma visão correta das relações interpessoais no núcleo familiar e impedir que tais valores caiam em descrédito, pois a família é primordial para o combate da violência na perspectiva da religião cristã.

A família é parceira indispensável na ação de proteção e inclusão, e nada pode substituí-la. Nenhuma instituição pode tomar seu lugar. O próprio centro de recuperação jamais pode se colocar neste papel, pois somente a família confere uma irmandade única, distinta e sociabilizadora de corpo, alma, espírito e coração. Nela acontece a ancoragem social de seus membros, e garante vínculos relacionais que previnem os riscos de isolamento de todo e qualquer desvio maligno.

A família deve seguir tendo seu lugar privilegiado de proteção e pertencimento, que fortalece o sentido de pertencimento mútuo, mesmo em suas variadas formas de organização, com suas diversas crenças, valores e práticas.

#### **3.4.4. Família: atitude correta**

A família pode sentir a gravidade do problema que as drogas trazem para a estabilidade do lar. A impotência vem e junto com ela um forte sentimento de incompetência e culpa. É normal que se instale a confusão e a divisão, e, por fim, não saber mais que atitudes estabelecer. Essa situação é potencializada por fatores sociais e culturais. Hoje se percebe a banalização do uso de drogas pela bandas musicais, movimentos artísticos, defesa públicas que apresentam o discurso de que todo mundo um dia vai experimentar, e que tal uso irá passar. Além disto, se percebe claramente certa ambigüidade que, de um lado criminaliza algumas drogas e, por outro, legaliza outras. Os argumentos são fracos, falsos e moralistas. Vale a reflexão se essa separação de drogas lícitas e ilícitas tem relação com o mal que possam causar, uma vez que tanto uma quanto a outra prejudicam a saúde e podem ser potencialmente violentas. É interessante refletir também que tal separação pode estar ligada a razões políticas e econômicas, quando ainda não víamos tal quadro caótico. As lícitas são as drogas que eram usadas pelos colonizadores como o álcool e o tabaco, e as ilícitas aquelas usadas pelos colonizados, como o ópio, a maconha e a coca. O uso das drogas ilícitas seria proibido por questões políticas e econômicas do colonizador sobre o colonizado, desconsiderando totalmente a questão do ponto de vista da saúde (BEZERRA, 1998, p.235-239 1998).

O usuário de drogas está reagindo a estes aspectos, além dos afetivos e emocionais entre os membros da família. A atitude primeira da família deve focar, não uma preocupação na esfera da saúde, mas uma atitude de distanciamento afetivo entre os membros familiares, pois logo surgem as dificuldades de comunicação, as quais certamente contaminam todos os outros aspectos da

dinâmica familiar. Assim, a atitude familiar deve contemplar a idéia de que todos vão entrar nesse barco juntos para vencer o problema. A família precisa ser muito corajosa para pedir ajuda profissional, uma vez que usar drogas é muito mal visto, pois é considerada uma tremenda falta de educação dos pais, pouca vergonha e de caráter duvidoso, que denigre tanto o indivíduo quanto a família.

É importante destacar que o pedido de ajuda pode se transformar numa denúncia pela realidade da criminalização do uso de algumas drogas. A família deve sempre crer que tem competência para resolver o problema do uso de drogas de qualquer membro da família, lembrando que nenhum profissional conseguirá estabelecer um vínculo tão poderoso como o vínculo entre pais, irmãos, enfim, parentes, pois tais vínculos são mais poderosos em produzir mudanças que qualquer autoridade constituída.

A família gera vínculos ao longo da história da vida do indivíduo. Essa crença confirma a família como instituição forte e competente para promover mudanças verdadeiras em todo o sistema familiar. Caso a família não se posicione nesta atitude, ou seja, de agir como capaz, poderá permanecer no fracasso e acreditar que não tem competência, que dificilmente terá condições de ajudar, e tentará de todos os modos transferir a competência para o profissional. Este, por outro lado, será seduzido pelo brilho do poder de curar e cairá na armadilha que levará ambos ao real fracasso.

Na verdade o profissional será mais eficiente quando conseguir uma efetiva parceria com a família. A partir daí deve agir como facilitador, potencializador de suas capacidades e instrumentos. A família ter fé de que é ela quem tem os instrumentos para fazer o drogado abandonar o uso das drogas. Quem pede ajuda é justamente a família, mesmo que o drogado seja o portador do problema. Pois

quem sofre é a família. Por isso, a situação vem distribuída. Se a família acredita apenas que é o profissional que vai resolver, então insistirá em pedir ajuda apenas para o filho, e não por ambos.

É muito, muito difícil o drogado vencer sozinho a relação estabelecida com a droga. Normalmente, o drogado não quer ser ajudado, e, por isso, não se pode apenas cobrar do usuário que assuma a responsabilidade de parar com o uso de drogas, pois tal atitude retarda o processo de recuperação.

#### 4. CAPÍTULO 4 – Uma análise da recuperação de dependentes químicos

O cristianismo se posiciona contra a violência das drogas na busca de tratamento para aqueles que precisam de ajuda na reabilitação da dependência química, sejam fieis ou não. Parte dos programas religiosos para o tratamento de drogados dedica tempo suficiente para o estudo e avaliação das suas próprias metodologia e eficácia.

No tratamento da dependência de drogas<sup>10</sup>, o vínculo religioso não somente facilita a recuperação como também abaixa o gráfico dos índices de recaída dos que estão em recuperação.

Pode-se constatar que o bom índice de recuperação está diretamente associado a uma prática cristã, na devoção diária, na busca da piedade, o que é fruto de se frequentar cultos e manter vínculo de fidelidade a uma igreja cristã. Tais indivíduos revelam sucesso na manutenção da sua abstinência.

Os cultos religiosos agem diretamente no sentido de incentivar emocionalmente. A liturgia cristã, músicas, orações, vigílias, etc, acabam por incorporar no processo de reabilitação, pois agem nos três principais campos que são afetados em um dependente químico: físico, psicológico e espiritual. Neste

---

<sup>10</sup> As modalidades de tratamento de dependentes de drogas podem ser classificadas em quatro grandes grupos, de acordo com Milby (1988): Abordagens médico-farmacológicas: incluem hospitalização para desintoxicação e tratamento de doenças relacionadas à dependência; tratamento psiquiátrico convencional; cirurgia cerebral (lobotomia); uso de drogas psiquiátricas; tratamento não-psiquiátrico com clínico geral; terapia de manutenção com opiáceos e terapias com antagonistas. Abordagens psicossociais: incluem psicoterapia psicanalítica; psicoterapia de apoio; psicoterapia e orientação familiar sistêmica; terapia comportamental; psicoterapia de grupo (comportamental, centrada na pessoa, psicanalítica) e, ainda, aconselhamentos baseados no uso da autoridade racional. Abordagens socioculturais: englobam as metodologias seguidas pelas Comunidades Terapêuticas e os Grupos de Narcóticos Anônimos. Intervenções baseadas em abordagens religiosas: às vezes, nessas abordagens, inclui-se o trabalho de médicos, psicólogos e assistentes sociais, mas o enfoque institucional básico é a doutrinação religiosa e o aconselhamento espiritual.

sentido, a ação cristã não pode ser mais considerada como alternativa no processo de desintoxicação do paciente.

É certo que tal programa não entra como substituto ao tratamento químico, mas seguem juntos, numa interligação complementar em benefício do ser integral.

#### **4.1. Reação**

A dependência química é uma doença. Ela é reconhecida pela Organização Mundial de Saúde em sua Classificação Internacional de Doenças<sup>11</sup> (CID – 10). Ela está contemplada entre os capítulos F-10 e F-19. Estes capítulos tratam de Transtornos Mentais e Comportamentais devidos ao uso de substância psicoativa.

As drogas entram na vida das pessoas por meio de marginais, estranhos, traficantes, mas também oferecida pelo que está mais próximo, um conhecido do trabalho, da faculdades, da escola, de alguém numa 'balada'. Todos temos consciência de que há drogas que são lícitas, como o cigarro e o álcool. Há aquelas que são prescritas sob orientação médica, como antidepressivos, controladores de ansiedade e inibidores do apetite, as quais são consumidas e que também causam certa dependência. As drogas ilícitas, como maconha, cocaína, crack e outras são as que afetam de modo ainda mais agressivo, contrárias ao sistema de leis e que são reprimidas pela sociedade, as quais devem ser banidas do convívio comum.

---

<sup>11</sup> LISTA CID-10 - A Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (também conhecida como Classificação Internacional de Doenças – CID 10) é publicada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e visa padronizar a codificação de doenças e outros problemas relacionados à saúde. A CID 10 fornece códigos relativos à classificação de doenças e de uma grande variedade de sinais, sintomas, aspectos anormais, queixas, circunstâncias sociais e causas externas para ferimentos ou doenças. A cada estado de saúde é atribuída uma categoria única à qual corresponde um código CID 10.

As drogas já não são elementos puramente marginais. Há muito tempo que elas estão presentes nos diversos lugares, disponíveis a toda e qualquer pessoa, do cidadão comum, do trabalhador honesto, homem ou mulher, independente do status.

A violência da dependência química causa uma ação em cadeia, pois envolve indivíduo, família, tribo e sociedade. A reação a esta violência é que interessa para a contenção do problema. As primeiras medidas são importantes e normalmente seguem a boa informação. Assim, o que se espera daqueles que desejam realmente interferir é que num primeiro momento busquem informações precisas, ajuda especializada antes de entrar em diálogo com o dependente, pois este buscará argumentos que justifique sua ação, numa busca de diminuir a questão.

A família jamais deve se manter conivente com a possibilidade do uso da droga dentro do ambiente familiar, do lar, com a falsa idéia de que poderá manter o controle. O uso de droga é proibido por lei. O dependente normalmente se mostrará arredio e se fechará em suas idéias, mantendo-se longe das palavras contrárias ao seu ato.

O dependente químico deverá passar, num primeiro momento, por uma ação radical de exclusão social, para tratamento especializado, que aponte como é prejudicial para a própria vida. Destaque aqui para reação profissional, com experiência na área. A participação da família é primordial, pois a ajuda e tratamento se completa novamente na inclusão social.

## **4.2. Tratamento**

O combate a toda e qualquer violência é competência de quem governa o sistema, e, especificamente as drogas, é competência da saúde pública. O fato é

que tal dependência química pede pela interferência de profissionais que sejam de fato qualificados, como médicos, psiquiatras, psicólogos, os quais devem ter programas bem definidos, de modo a obter resultados efetivos no tratamento desta doença. Neste campo há um sério problema, que, por falta de fiscalização de órgãos públicos competentes, o segmento de tratamento para drogados extrapolou, onde pessoas desqualificadas e mal informadas, às vezes com boas intenções ou simplesmente apegando-se a uma oportunidade, enxergam uma possibilidade de negócio de fácil rentabilidade. De fato há centros de recuperação que são verdadeiras ciladas para inúmeras famílias que, no auge da questão de internar ou não o drogados, sensibilizados pela necessidade da decisão com urgência, não conseguem detectar eficácia e eficiência, nem conseguem sequer avaliar o padrão de tratamento.

Porém, nem tudo é oportunismo, pois existem centros de recuperação sérios, que estão bem informados sobre a complexidade da doença. São instituições que dedicam tempo na capacitação para o tratamento. Normalmente investem recursos em diversas pesquisa e reconhecimento, na busca da compreensão do que de fato é a dependência química. São centros de recuperação e tratamento que tem como base de trabalho estudos aprofundados, e como alvo a obtenção de resultados reais, efetivos e verdadeiros.

Estes centros de tratamento procuram agir dentro das normas sociais, respeitando as leis governamentais relativas ao tratamento, à questão sanitária, à segurança, e atendendo a outras exigências legais. São instituições que tem registros, que disponibilizam o método de tratamento, que comprovam idoneidade da equipe profissional e que disponibilizam informações sobre a eficácia do tratamento.

O que está fora de discussão é a real necessidade de programas que tratem o problema. Não há dúvidas de que as abordagens terapêuticas precisam de flexibilidade, pois devem partir da premissa de que não há um padrão único de drogado. Assim, do mesmo modo, não existe um único tratamento que possa servir de padrão.

Os centros idôneos de recuperação oferecem tratamento em Regime de Internação, um tipo de abordagem que permite que ocorra um total controle sobre o comportamento do drogado e que oferece grande possibilidade de que estará longe das drogas e também de quaisquer outros comportamentos impulsivos (SCIVOLETTO, 2001, p.78).

A necessidade de um ambiente propício, bem como o acompanhamento familiar e de extrema importância em tempo integral.

O tratamento num centro de recuperação deve se precaver para não cair num caráter repressivo que sirva apenas para reforçar uma desqualificação moral que já existe no estereótipo do drogado, e que, por implicação, também reflete na família do drogado, o qual, além de gerar muito sofrimento, reforça a culpa e a vergonha (VELOSO, CARVALHO E SANTIAGO, 2004 p.166).

Os familiares, em muitos casos, sentem-se impotentes, incompetentes, culpados, e ficam confusos e divididos entre o certo e errado, realidade que é sustentada, complicada, alimentada e ampliada por alguns fatores sociais e culturais. As famílias compartilham sentimentos comuns, que oscilam entre sentimentos de amor e ódio, felicidade a cada avanço e tristeza e indignação a cada recaída e alguns tomados pelo desespero cogitam por medidas mais extremas.

O que reforça tal realidade é o rótulo que recebe o drogado, como alguém que não merece confiança, uma vez que "todo drogado é mentiroso, preguiçoso,

desonesto e sedutor". A sociedade as vezes cai nesta armadilha em chamar o usuário de drogas de marginal, e ver tal indivíduo como subversivo, sem avaliar quais foram os fatores que levaram o indivíduo usar tais elementos químicos.

### **4.3. Ambiente sagrado**

Nossa sociedade entende o drogado como um ser doente. A cura para tal doença também é vista nas diversas esferas da religiosidade. Há grande procura pela ajuda dos diversos grupos religiosos, cujo intuito é sanar tal patologia. A busca da religião como um tratamento alternativo, tem como base a fé no sagrado<sup>12</sup>. A expectativa da intervenção divina e a certeza de que tal situação transcende as capacidades naturais, numa busca constante de ultrapassar a barreira do senso ou da realidade comum.

O senso da existência está intimamente ligado à noção deste sagrado na proporção dos valores profundos da existência como a vida e morte, céu e inferno, bem e mal. A religião reflete sobre a vida em suas diversas facetas. O drogado jamais perde a noção do sagrado, e, portanto, tem uma religiosidade e espiritualidade, identificadas como fatores protetores ao risco consumo de drogas em diversos níveis.

Há fortes evidências de que indivíduos que freqüentam regularmente um culto religioso<sup>13</sup>, ou então, que entendem a importância numa crença religiosa, que

---

<sup>12</sup> O termo Sagrado vem do latim *sacratu*, e refere-se a algo que merece veneração ou respeito religioso por ter uma associação com uma divindade ou com objetos considerados divinos. O sagrado se relaciona com a santidade, que em geral, é o estado de ser santo. Isto é percebido pelos religiosos como os indivíduos associados com o divino. O santo é considerado digno de respeito e devoção espiritual, ou que inspiram temor ou reverência entre os crentes em um determinado conjunto de ideias espirituais.

<sup>13</sup> O valor do culto religioso é que este gera um ambiente propício à ascensão espiritual, com indiscutíveis vantagens para os que participam com sinceridade e fervor, buscando a própria transformação.

praticam as propostas desta religião professada, apresentam baixos índices de consumo de drogas lícitas e ilícitas.

Os índices de recuperação são bem melhores entre os drogados que estão num tratamento permeado por uma abordagem espiritual, de qualquer origem, quando comparados a dependentes que são tratados exclusivamente por meio médico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ser humano é caracterizado, dentre outras coisas, pela a realidade de existir segundo o projeto no qual as ações nele realizadas têm certa significação. É fato que esta questão do senso destes projetos que nos dão senso, sempre nos ultrapassa.

Pensar e pesar sobre tal senso é dedicar valor sobre reflexão da vida e, finalmente, da própria existência. O ser humano sempre tem esta interrogação diante de si, a questão da transcendência dentro da própria imanência. A percepção é de que temos a consciência da imanência, mas também um forte sentimento de que há algo fora do ser, além dele.

Diante dos valores mais profundos da existência, temos o senso da vida estreitamente ligado à noção de sagrado. A questão é se o drogado perdeu esta dimensão do sagrado, se o dependente químico renunciou à sua própria existência.

O drogado é um ser doente e, freqüentemente, vive numa dualidade obsessiva no pensamento e no tratamento, o qual pretende reconhecer o desejo da autodestruição ou da recuperação. Este indivíduo, procurando ultrapassar a barreira do senso comum, da realidade comum, o faz para escapar a uma vida sem algum projeto consistente, e passa a viver um presente angustiante, ambiência em que se perde num cotidiano interminável.

É certo que a droga modifica os estados da consciência e escancara portas para mergulhos diversos, geralmente caindo num estado extremamente sem controle e situações perigosas. O que acontece é que o drogado é abatido na sua própria sagração. Ou seja, cai no fundo dele mesmo.

O drogado encontra neste estado uma vida desgraçada e contraditória, justamente porque sempre existirá uma sociedade e um senso comum que estabelecerá um padrão de comportamento aconselhável para um mínimo de vida.

O tratamento que a própria sociedade propõe corta a parte desta lógica própria do drogado, revelando que seu mal é uma contradição no meio da razão. Isto se dá porque o drogado entra numa busca de novas percepções, a qual se pratica geralmente de maneira solitária e anárquica, viajando sem nenhum mapa, nem ponto de orientação.

O resultado é o esquecimento de si mesmo, pois se inseri dentro de um pseudo mundo. Então, se esquece o tempo do mundo, o qual torna viável a possibilidade de existir no espaço e na sociedade. Nesta dimensão do esquecimento o drogado não se realiza, pois é impossível abrir o tempo, que pudesse estar presente em seu passado e em seu futuro, impossível se compreender. O drogado perde o sentido, perde a idéia de existir num projeto de mundo.

Interessante refletir que neste campo do esquecimento o drogado se esquece que participa de um cosmo, de diversos elementos, desde o mistério da vida concreta até o acesso à exaltação divina, á experiência de compreender quem de fato somos.

O drogado experimenta com a droga um estado mental qualificado de divino, pois carrega está idéia de transcender, idéia de um caráter sagrado, na qual se mistura sentimentos de fascinação e de terror. De fato é um grande paradoxo, pois o transe que provoca um estado de libertação é o mesmo que coloca fortes grilhões na alma, causando um grande conflito entre querer e não querer. O momento de inspiração e liberdade se transforma em depressão e angústia que são as verdadeiras algemas da existência.

O ser humano quer se religar a algo que transcende a si mesmo, numa fuga do sofrimento, da dor, das decepções. A religião propõe re-ligar, re-conhecer, re-familiarizar, re-sociabilizar este ser que está perdido em si mesmo. Os centros de recuperação agem no sentido de apresentar a possibilidade de se alcançar o transcendente, o sagrado.

O alvo é o engajamento numa relação fraternal consigo, com o outro, com a família e com o divino. Ele é levado a inaugurar um novo modo de relação, de vida que não se abandona, mas que se ama. O drogado deve ser levado a refletir sobre o sentido de sua existência, num engajamento livre, numa responsabilidade que dará sentido à sua existência.

Os desafios das nossas instituições modernas são consideráveis e muito complexos, pois têm a grande tarefa de integrar o drogado, juntamente com sua crise de presença no mundo, num projeto efetivamente comunitário. Os centros de recuperação têm o dever moral de elaborar uma eficaz reflexão sobre o próprio estatuto do conhecimento, sempre levando em conta, não somente a exclusão, mas também a inserção do homem em seu contexto, lembrando-o que ele é tanto ativo quanto passivo das suas relações, que sua dependência passa a ser de Deus, numa relação em todas as direções.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ADORNO, Sérgio. *A violência na sociedade brasileira: um painel inclocuso em uma democracia não consolidada in: Estado e Sociedade*. Brasília. UNB, 1986.

AUDI, Robert Audi (org). *Dicionário de Filosofia de Cambridge*. São Paulo: Paulus, 2006.

BATISTA, Nilo. *A Violência do estado e os aparelhos policiais in: Discursos Sediciosos – crime, direito e sociedade*. Rio de Janeiro. Instituto de Criminologia. Ano 2. No. 04, 1997.

BERGERET, J. *Toxicomanias*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

BEZERRA, V.C. *Adolescentes, drogas e família. Anais do 55º Curso Nestlé de Atualização em Pediatria*. Brasília, 1998.

BERKHOUF, Louis. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

BITENCOURT, Cezar Roberto. *Falência da pena de prisão: Causas e alternativas*. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2004.

BITENCOURT, Cezar Roberto. *Tratado de Direito Penal*. v. 1: Parte Geral. 13. Ed. atual. São Paulo: Saraiva, 2008.

BUORO, Andréa [et al.]. *Violência urbana: dilemas e desafios*. São Paulo: Atual, 1999.

BUCHER, R. *As drogas e a vida: uma abordagem biopsicossocial*. São Paulo: EPU, 1988.

CAILLOIS, Roger. *O homem e o sagrado*. Lisboa: Edições 70, 1963.

CARLINI, E.A. [et al.]. *I Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 107 maiores cidades do país: 2001*. São Paulo: CEBRID – Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas : UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo, 2002.

CASSORLA, R. *Reflexões sobre a psicanálise e a morte*, em: KOVÁCS, M. *Morte e desenvolvimento Humano*. SP: Casa do Psicólogo, 1992.

CHABONNEAU, Paul-eugene. *Drogas, prevenção, escola*. São Paulo: Paulinas, 1988.

CHAUÍ, Marilena. *Filosofia (série novo ensino médio)*. São Paulo: Martins fontes, 2001.

CHAUÍ, Marilena. *Fragmento do texto: Uma ideologia perversa*. Escrito para a folha de São Paulo.

CORTEGOSO, Ana Lucia. *Análise e programação de contingências ao administrar agência de atendimento educacional a crianças e jovens: da caracterização de necessidades sociais à implementação do funcionamento*. ARGUMENTO. Revista das Faculdades de Educação, Ciências e Letras e Psicologia Padre Anchieta Jundiaí-SP: Sociedade Padre Anchieta de Ensino.- Ano III - No 6 - Outubro/2001.

CORTEZ, Mariana, *O Bandido que virou pregador: a conversão de criminosos ao pentecostalismo e suas carreiras de pregadores*. São Paulo; Anpocs, 2007.

DORNELLES, João Ricardo Wanderley. *Violência urbana, direitos da cidadania e políticas públicas de segurança no contexto de consolidação das instituições democráticas e das reformas econômicas neoliberais em: Discursos Sediciosos – crime, direito e sociedade*. Rio de Janeiro. Instituto de Criminologia. Ano 2 No. 04. 1997

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ELIADE, Mircea. *Mitos, sonhos e mistérios*, Coleção Perspectivas do homem, Edições 70, 1989.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, 3.<sup>a</sup> ed., Curitiba: Positivo, 2004.

FILHO, Fernando Bortolletto Filho (org), *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008.

FILHO, Pacheco. ALBINO, Raul. *Drogas: um mal-estar na cultura contemporânea*. Revista Psicanálise e universidade; (9/10) 119-147. São Paulo: Escuta, 1998.

MIRANDA, Mário de França. *Salvação de Jesus Cristo: a doutrina da graça*. São Paulo: Loyola, 2004.

GIRARD, René. *A violência e o sagrado*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

HOWARD, S. Becker. *Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

IANNI, O. *A era do globalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

JUNG, C.G. *A Energia psíquica*. Petrópolis: Vozes, 1997.

LUCINDA, Maria da Consolação e NASCIMENTO, Maria das Graças e CANDAU, Vera Maria. *Escola e Violência*. Rio de Janeiro. DP&A, 1999.

MAIA, Marisa Schargel. *Extremos da alma: dor e trauma na atualidade e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *Protestantes, Pentecostais & Ecumênicos. O campo religioso e seus personagens*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2008.

MICHAUD, Y. *A violência*. São Paulo: Ática, 1989.

MILBY, J. B. *A Dependência de drogas e seu tratamento*. Trad. Silvio M. Carvalho. São Paulo, Pioneira EDUSP, 1988. 279p.

MORAIS, Marcelo Navarro. *Uma análise da relação entre o Estado e o Tráfico de drogas: o mito do "Poder paralelo"*. Revista Ciências Sociais em Perspectiva (5) 8 : 1º sem. 2006.

ODALIA, N. *O que é violência*. São Paulo: Nova Cultural: Brasiliense, 1985.

PIRES, Cecília. *A Violência no Brasil*. 9ª edição. São Paulo. Ed. Moderna. 1985.

Relatos\_\_\_\_\_ "*Filme O Nome da Rosa*", Globo Filmes e Produções. Livro O Nome da Rosa, Autor: Umberto Eco.

REZENDE, Manuel Morgado. *Modelos de análise do uso de drogas e de intervenção terapêutica: algumas considerações*. Departamento de Psicologia da Universidade de Taubaté. Revista biociência: Taubaté, v.6, n.1, p.49-55, jan-jul.2000.

RIFIÓTIS, Theóphilos. *Nos campos da violência: diferença e positividade*. Florianópolis, UFSC.

ROEHE, M. V. *Experiência religiosa em grupos de auto-ajuda: o exemplo de neuróticos anônimos. Psicologia estudos*. Set/Dez de 2004, vol.9, n.3.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. *A Violência como dispositivo de excesso de poder in: Estado e Sociedade*. Brasília. UNB, 1986. rado. Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 2004.

SIPAHI, Fabiano Matos. VIANNA, Fernanda de Camargo. *Uma análise da dependência de drogas numa perspectiva fenomenológica existencial*. Artigo Revista Análise Psicológica (2001), 4 (XIX): 503-507.

SCIVOLETTO, Sandra. *A adolescência*. São Paulo: Editora Inteligente, 2004.

SOUZA, José Francisco de. *A Reinvenção do Cotidiano: Memória e história de Missionários e ex-marginalizados do centro de São Paulo*. Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

SPAGNOL, Antônio Sérgio, *Jovens Perdidos: Um estudo sobre os jovens delinquentes na cidade da São Paulo*. Annablume; Fapesp,2008.

VEJA. *Os bandidos das chacinas: um mergulho no mundo da barbárie da Grande São Paulo, onde as quadrilhas fizeram dos morticínios em série uma ocorrência banal*. São Paulo: Abril. 08 de setembro de 1999, p. 42-53.

VELOSO, Laís; CARVALHO, Jane e SANTIAGO, Luciana. *Redução de danos decorrentes do uso de drogas: uma proposta educativa no âmbito das políticas públicas*, em: BRAVO, Maria Inês Souza [et al] (orgs). *Saúde e Serviço Social*. São Paulo: Cortez, 2004.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret.